

DOSSIÊ 2022

Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil

OBSERVATÓRIO DE MORTES
E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL



DOSSIÊ 2022

Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil

REALIZAÇÃO



OBSERVATÓRIO DE MORTES
E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL



APOIO



Reino dos Países Baixos



Coordenação, Pesquisa e Organização

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi

Acontece Arte e Política LGBTI+

Bruna Benevides

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

Gustavo Coutinho

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos

Coordenação Geral

Pietra Fraga do Prado

Acontece Arte e Política LGBTI+

Sistematização dos Dados

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi – Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFSC)

Caroline Santos e Souza – Graduada em Ciências Sociais (UFSC)

Ciro Henrique Santos da Silva - Graduando em Direito (UPE)

Inaê label Barbosa - Doutorande em Ciências Sociais (UNICAMP)

Kayque Virgens Cordeiro da Silva – Mestrando em Geografia (UNESP)

Lucas Ribeiro Bonatto – Graduando em Geografia (UFSC)

Pietra Fraga do Prado – Graduada em Psicologia (UFSCar)

Wilians Ventura Ferreira Souza – Doutorando em Geografia (UNESP)

Análise e Escrita

Maria Helena Lenzi – Professora do Departamento de Geociências (UFSC)

Pietra Fraga do Prado – Graduada em Psicologia (UFSCar)

Tiago Cargnin Gonçalves – Professor do Colégio de Aplicação (UFSC)

Produtos Cartográficos / Mapas

Wilians Ventura Ferreira Souza – Doutorando em Geografia (UNESP)

Kayque Virgens Cordeiro da Silva – Mestrando em Geografia (UNESP)

Revisão Textual

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi – Diretor Executivo Acontece LGBTI+

Bruna Benevides – Secretária de Articulação Política da ANTRA

Fabricio Bogas Gastaldi – Mestre em Teatro (UDESC)

Pietra Fraga do Prado – Graduada em Psicologia (UFSCar)

Tiago Cargnin Gonçalves – Professor do Colégio de Aplicação (UFSC)

Fontes Complementares de Informações

Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA

Associação Cearense de Diversidade e Inclusão - ACEDI

Observatório de Políticas Públicas LGBTI+ do Maranhão

Comunicação

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi

Evelin Campos

Pietra Fraga do Prado

Projeto Gráfico e Diagramação

Beatriz Nery

Visualização de Dados

Carolina Figueiredo Menezes

Presidências das Instituições

Fabricio Bogas Gastaldi

Acontece Arte e Política LGBTI+

Keila Simpson

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

Heliana Hemetério dos Santos

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos

Financiamento

Embaixada dos Países Baixos no Brasil - Holanda

Fundo Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M887

Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

73f.

ISBN: 978-65-994905-2-1.

1. Direitos e liberdades fundamentais. 2. LGBTI+. 3. Estatística. 4. Homo-Lesbo-Bi-Transfobia. 5. Assassinatos. 6. Mortes violentas I. Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil. II. Alexandre Bogas Fraga Gastaldi. III. Bruna Benevides. IV. Gustavo Coutinho.

CDU 342.722(81)

CDD 342.81023

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento, é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do/a/e autor/a/e (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal da República Federativa do Brasil.

Distribuição Gratuita – Venda Proibida

Sumário

Prefácio	7
1 Apresentação	9
2 Metodologia	12
3 Violência Contra a População LGBTI+ no Brasil	18
3.1 Faixa Etária das Vítimas	28
3.2 Raça e Etnia das Vítimas	31
3.3 Profissão e Ocupação das Vítimas	34
3.4 Orientação Sexual das Vítimas	36
3.5 Identidade de Gênero das Vítimas	38
3.6 <i>Causa Mortis</i>	38
3.7 Local da Morte	40
3.8 Período da Morte	43
3.9 Vítimas de Suicídio	45
3.10 Assassinatos de Defensores/as de Direitos Humanos	47
4 Distribuição Espacial das Mortes	49
5 Considerações Finais e Recomendações	58
6 Apêndices	61

Prefácio

Em 2022 seguimos vivenciando um contexto altamente controverso e violento contra as diversidades sexuais e/ou de gênero, sobretudo no contexto das eleições, quando vimos acirrar os ataques à nossa comunidade e o uso político de nossas pautas a fim de manipular a opinião pública.

Os dados que serão apresentados nesta pesquisa denunciam que, mesmo diante da variabilidade dos números a partir da análise de métricas móveis, os ambientes políticos e sociais seguem como os principais mantenedores da LGBTIfobia estrutural, que acabam impactando a forma como as pessoas LGBTQIA+ são recebidas nos espaços, aumentando os riscos de violações de direitos humanos e violência contra esses corpos, suas identidades de gênero, orientações sexuais e suas expressões de gêneros.

Serão apresentados recortes específicos com dados desagregados por identidade/segmentos, para que sejam observadas as diferentes dinâmicas pelas quais a discriminação tem vitimado cada uma dessas corporalidades a partir do lugar social em que são mantidas. Além disso, os fatores analisados, como classe, raça, gênero e território, revelam o perfil das vítimas da LGBTIfobia no país, assim como demonstram que a violência LGBTIfóbica atua de múltiplas formas. Esse é um dado altamente importante, pois é a partir dele que poderão ser pensadas políticas públicas eficazes contra essas violações e que considerem a interseccionalidade e a forma como alguns corpos estão mais expostos e, conseqüentemente, mais suscetíveis a determinadas violências.

É por meio da criação de uma base de dados comum a partir do ano de 2021 que o Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ vem aprimorando não apenas o método de realizar esta pesquisa como também o conteúdo e a publicação de dados sobre a situação de violência contra a nossa comunidade. Essa iniciativa demonstra a capacidade de organização coletiva e sinaliza a construção de alianças que priorizam uma luta pautada no compromisso mútuo com aquelas pessoas que acreditam em nossa atuação e se sentem representadas por ela.

O Observatório foi possível devido a uma articulação entre a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a Acontece – Arte e Política LGBTI+ (Acontece) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), instituições da sociedade civil que organizam, de forma coletiva, ativistas e militantes mobilizadas politicamente e que têm notória atuação pública, prestando um serviço altamente relevante para a comunidade LGBTI+

e para o próprio país, que, agora, passa a contar com mais essa ferramenta de denúncia, memória e produção de dados sobre nossa comunidade.

Ao discutirmos os dados desta pesquisa, algo que nos chama a atenção é o flagrante descaso do Estado em reconhecer, propor ações, instituir e investir em políticas públicas, a fim de mitigar os impactos da violência em todas as formas que ela se expressa. Essa omissão confirma a LGBTIfobia institucional presente na forma como os órgãos de segurança pública e do sistema judiciário negligenciam as demandas relacionadas às violências motivadas por orientação sexual e/ou identidade de gênero, tanto em sua causa raiz como na materialização da prática violenta contra a vida das pessoas LGBTI+.

A pesquisa que apresentamos é resultado do esforço conjunto de diversas pessoas e instituições que se uniram, no ano de 2020, para aprofundar as discussões em torno das violações de Direitos Humanos, dos assassinatos e mortes violentas contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas intersexo e mais orientações sexuais e identidades de gêneros não hegemônicas (LGBTI+).

Seguimos trabalhando a partir de uma base de dados comum, contando com o olhar de ativistas, militantes, especialistas e experts, de diversos segmentos de nossa comunidade, com qualificações em múltiplas áreas e que, juntas, aceitaram o desafio de garantir um olhar atento às especificidades de cada identidade no intuito de enfrentar o descaso, a omissão, a impunidade e buscar formas de avançar no enfrentamento efetivo da LGBTIfobia.

Keila Simpson
Presidenta da ANTRA

Bruna Benevides
Secretária de Articulação Política da ANTRA.

1 Apresentação

O **Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil** é resultado de um esforço coletivo de produção e sistematização de dados sobre a violência e a violação de direitos sofridas por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres e homens trans, pessoas transmasculinas, pessoas não binárias e demais dissidências sexuais e de gênero, aqui chamadas de LGBTI+. Este documento é produzido pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+¹, que reúne três organizações: a **Acontece Arte e Política LGBTI+²**, a **ANTRA³** – Associação Nacional de Travestis e Transexuais e a **ABGLT⁴** – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos. O trabalho foi realizado por meio de uma base de dados compartilhada entre essas três instituições, que contém os registros dos casos ocorridos durante o ano de 2022, quando foi observado que 273 pessoas LGBTI+ morreram de forma violenta no Brasil, sendo 228 assassinatos, 30 suicídios e 15 mortes por outras causas.

Os dados apresentados nesta pesquisa mostram como a violência contra a população LGBTI+ é parte de um contexto de LGBTIfobia estrutural, definida como discriminação, aversão ou ódio, de conteúdo individual ou coletivo, baseado na inferioridade das pessoas LGBTI+ em relação a heterocisnormatividade. Isso implica em ausência de medidas e ações que incluam essa população em políticas públicas, propagando exclusão, violência e negação de direitos, especialmente os Direitos Fundamentais, como a própria vida.

Nesse sentido, adotamos a mesma postura epistemológica e política dos movimentos: feminista, negro e indígena, que compreendem, respectivamente, todas as mulheres, pessoas negras e indígenas como vítimas do machismo e do racismo estruturais. Consideramos como LGBTIfobia estrutural não apenas as mortes violentas e com indícios diretos de ódio, mas também os frequentes casos de ameaças e agressões – físicas, psicológicas, patrimoniais, sexuais, morais etc. – praticadas cotidianamente contra as pessoas LGBTI+ .

1 Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>

2 Disponível em: <https://acontecelgbti.org/>

3 Disponível em: <https://antrabrasil.org/>

4 Disponível em: <https://www.abglgt.org/>

Infelizmente essas violações estão naturalizadas e banalizadas tanto na sociedade quanto nas estruturas que solidificam a ordem jurídica, política e econômica do país, ocasionando a ausência de dados governamentais, como também desdobramentos fatais na plenitude do exercício da cidadania democrática de pessoas LGBTI+.

No caso específico de pessoas trans, de acordo com a Antra⁵, considera-se que os efeitos da transfobia contribuem para que o cissexismo⁶ seja a estrutura principal que organiza e mobiliza grupos, atitudes, ações e políticas contra os direitos das pessoas trans e travestis, contribuindo, por ação e/ou por omissão, para o processo de vulnerabilização e precarização dessa população. Assim, aumenta-se em muito as chances de serem vítimas de crimes de ódio, violações de direitos humanos e outras violências transfóbicas, o que tem colocado o Brasil como o país que mais assassina pessoas trans do mundo pelo 14º ano consecutivo de acordo com os dados mais recentes da ONG Transgender Europe.

Por considerarmos a LGBTIfobia um problema estrutural, adotamos o termo “mortes violentas” para tratar o conjunto dos diferentes tipos de mortes analisados neste Dossiê. Além dos casos explícitos de ódio e violência, como os assassinatos, compreendemos que, nos casos de suicídios, podem ser identificados elementos que denunciam a mesma LGBTIfobia estrutural como um dos possíveis gatilhos para o autoextermínio dessa comunidade. Também consideramos como violentas as mortes ocorridas em função da busca por procedimentos estéticos devido à pressão estética, da ausência de acesso à saúde específica, do uso de substâncias ilícitas e outros óbitos com causas não identificadas mas associadas a contextos de LGBTIfobia.

Tratar da LGBTIfobia implica em análises complexas dos contextos em que as violências ocorrem, de modo que raramente é possível apontar uma causa única a essas mortes. A própria situação de vulnerabilidade em que parte dessa população está inserida, sobretudo pessoas negras e periféricas, aumenta ainda mais as chances de serem acometidas por violências.

5 Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>

6 Cissexismo pode ser compreendido como a organização sistemática de ações, noções discriminatórias e inferiorizantes de maneira institucional e/ou individual contra pessoas trans. A sua finalidade é afirmar que travestis, mulheres e homens trans, pessoas transmasculinas e demais pessoas trans são seres inferiores, que deveriam ocupar um lugar subalterno na sociedade. É uma instituição social que legitima e reconhece unicamente as identidades cisgêneras em detrimento das identidades transgêneras, através da sub-representação e invisibilidade, a fim de assegurar o status quo das identidades cis como o padrão hegemônico de ser e existir na sociedade (Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2020).

Outros fatores de risco são repetidamente observados em cada segmento LGBTI+, como nos casos de travestis que se encontram em situação de rua e atuam em contextos de prostituição mais precarizada; de lésbicas cisgêneras que são perseguidas por ex-parceiros ou que estão em conflitos conjugais com outras mulheres; de gays cisgêneros que moram sozinhos e sofrem discriminação por parte de vizinhos e parentes por não poderem vivenciar suas relações publicamente, entre outros.

Além de denunciar a violência contra a população LGBTI+ praticada no Brasil, pretendemos, com esta pesquisa, problematizar as condições de vida e de vulnerabilidade dessa população, lançando questões que evidenciam a presença da LGBTIfobia estrutural em nossa sociedade, as quais precisam ser consideradas pelas instituições responsáveis e pelas organizações interessadas em garantir direitos às pessoas LGBTI+.

Este Dossiê está dividido em cinco partes, além desta **Apresentação**. No item **Metodologia**, descrevemos como a pesquisa foi realizada e como os dados foram tratados a fim de subsidiar as discussões. No tópico **Violência contra a população LGBTI+ no Brasil**, apresentamos, por meio de uma análise detalhada do perfil das vítimas e das condições das mortes ocorridas, um retrato da violência praticada contra a população LGBTI+ em 2022. No item **Distribuição espacial das mortes de LGBTI+ no Brasil**, realizamos um esforço de representação cartográfica das mortes violentas de pessoas LGBTI+ ocorridas no Brasil em 2022. Os mapas produzidos retratam os dados em três escalas diferentes: por município, por unidade da federação e por macrorregião. No tópico **Considerações Finais e Recomendações**, expomos uma série de ações a serem implementadas pelos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário em suas diversas instâncias de poder e em consonância com as organizações da sociedade civil e demais organismos independentes de direitos civis, a fim de garantir direitos à população LGBTI+ e cessar a violência contra essas pessoas. Por fim, nos **Apêndices** incluímos as Figuras com os dados completos utilizados para a escrita deste Dossiê.

A elaboração do **Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil**, em 2022, contou com o importante apoio do Fundo Brasil de Direitos Humanos e da Embaixada dos Países Baixos no Brasil - Holanda. A disponibilidade desses recursos foi fundamental para garantir a qualidade do trabalho desenvolvido pelo Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ durante o ano de 2022. Esperamos que as próximas edições também disponham de fontes de apoio para assegurar a continuidade desta pesquisa.

2 Metodologia

A elaboração do **Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+** tem como principal desafio a ausência de dados governamentais. Nossas fontes não têm como base os dados institucionais, como aqueles produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷, pelo Ministério da Saúde (SINAN) ou por qualquer outra instância pública (Disque 100, etc). Portanto, os dados **hemerográficos**⁸ que apresentamos são produzidos ao longo do processo de construção deste trabalho e provêm de notícias encontradas em jornais, portais eletrônicos e casos publicados nas redes sociais.

As principais fontes de dados consultadas para esta pesquisa foram notícias publicadas na mídia. Quando necessário, essas informações foram complementadas por fontes alternativas, como as redes sociais das vítimas, de pessoas próximas ou de organizações denunciando os casos de mortes violentas. No ano de 2022, as informações foram obtidas em canais de grande circulação, como os portais G1 e UOL, em jornais de abrangência local, em redes sociais, como o Facebook e o Instagram, além de fontes complementares, como os relatos testemunhais⁹ enviados aos canais de comunicação das organizações integrantes do Observatório ou parceiras.

Entendemos que a existência desta pesquisa é uma resposta encontrada pela sociedade civil para a ausência de dados governamentais a respeito das mortes violentas de pessoas LGBTI+, tendo em vista que o trabalho é realizado por movimentos sociais, coletivos e organizações não governamentais, o que evidencia a falta de atenção do Estado à violação de direitos dessa população.

7 Em 2019, pela primeira vez, o IBGE incluiu a dimensão “Orientação Sexual” na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS). Contudo, não há pesquisas do Instituto que tratem especificamente da violência contra a população LGBTI+.

8 Definição de hemerográfico: Catálogo de jornais e outras publicações periódicas. de acordo com Dicio - Dicionário Online Português.

9 A prova testemunhal é obtida por meio da inquirição de testemunhas a respeito de fatos relevantes que, no caso desta pesquisa, incluem as informações trazidas por ativistas e/ou instituições de Direitos Humanos. De uma forma geral, o depoimento da testemunha é sobre aquilo que presenciou, podendo, também, narrar fato que ouviu, mas não presenciou. E trata-se de instrumento importantíssimo, que foi regulado pelo novo Código de Processo Civil (Lei 13.105/2015) em seus artigos 442 a 463.

Em vista disso, consideramos necessário problematizar as dificuldades encontradas na divulgação dos dados produzidos pela sociedade civil e movimentos sociais, como é o caso desta pesquisa, e nos mobilizar ainda mais para garantir a consistência e fidedignidade dos dados. Isso é relevante para que essas informações subsidiem a elaboração de políticas públicas pelas esferas governamentais (municipal, estadual/distrital e federal), de modo que, se utilizados, os dados possibilitem um avanço na discussão em torno das violências e violações sofridas pela população LGBTI+ e no combate à LGBTIfobia estrutural.

A ausência de dados governamentais e a utilização de informações disponíveis na mídia apontam para uma limitação metodológica desta pesquisa. Como dependemos do reconhecimento da identidade de gênero e da orientação sexual das vítimas por parte dos veículos de comunicação que reportam as mortes, é possível que muitos casos e dados de violências praticadas contra pessoas LGBTI+ sejam omitidos. Há, provavelmente, uma significativa subnotificação do número de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil.

No decorrer do ano de 2022, adotamos os seguintes procedimentos de seleção e sistematização dos dados:

1. **Levantamento de notícias:** a partir do cadastramento de palavras-chave no *Google Alerts*¹⁰, fizemos uma triagem das notícias recebidas por e-mail. As que tratavam de mortes violentas de pessoas LGBTI+ ocorridas em 2022 foram encaminhadas para a próxima etapa, enquanto as demais foram descartadas. Também monitoramos grupos de WhatsApp e encaminhamos para um outro grupo do WhatsApp específico de coleta de mortes, seguindo para a próxima etapa;
2. **Avaliação e discussão dos casos:** após a seleção das notícias considera-

10 Palavras-chave como: gay assassinado, gay latrocínio, gay homicídio, gay morto, gay suicídio, crime homofóbico, homossexual assassinado, homossexual latrocínio, homossexual homicídio, homossexual morto, homossexual suicídio, crime lesbofóbico, lésbica assassinada, lésbica latrocínio, lésbica homicídio, lésbica morta, lésbica suicídio, crime bifóbico, bissexual assassinado, bissexual latrocínio, bissexual homicídio, bissexual morto, bissexual suicídio, bissexual assassinada, bissexual morta, crime transfóbico, travesti assassinado, travesti latrocínio, travesti homicídio, travesti suicídio, travesti assassinada, transexual assassinado, transexual latrocínio, transexual homicídio, transexual morto, transexual suicídio, transexual assassinada, transexual morta, trans assassinado, trans latrocínio, trans homicídio, trans morto, trans suicídio, trans assassinada e trans morta.

das pertinentes ao levantamento, discutimos e avaliamos as condições de cada morte, encaminhando os casos para sistematização;

3. **Sistematização das mortes:** de acordo com a disponibilidade de informações existentes nas fontes, os casos foram organizados conforme o mês de ocorrência das mortes, destacando-se as seguintes características das vítimas: o segmento da população LGBTI+ a qual pertencia, o que contempla tanto a orientação sexual quanto a identidade de gênero das vítimas, a raça/etnia, a idade e a profissão/ocupação das pessoas violentadas. Além do perfil das vítimas, buscamos categorizar as condições das mortes, o que inclui o período e o local de ocorrência (espaços públicos ou privados), a causa e a tipificação dos óbitos, além da cidade/unidade da federação em que os casos foram noticiados;
4. **Representação cartográfica das mortes:** finalmente, após a sistematização de todos os casos ocorridos em 2022 a que tivemos acesso, fizemos a representação cartográfica das mortes em três escalas de análise: municipal, estadual/distrital e macrorregional.

Em conformidade com as etapas listadas acima, as informações extraídas das fontes consultadas contribuíram para a construção de um amplo banco de dados que subsidiou a elaboração deste Dossiê. O material foi organizado em uma planilha de excel estruturada em colunas que explicitam, de forma detalhada, o perfil das vítimas e as condições das mortes (Quadro 1).

QUADRO 1: VARIÁVEIS ANALISADAS DURANTE A SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DE 2022

Colunas	Descrição
Código do PDF	A primeira coluna foi utilizada para identificar as notícias. Quando inserimos as notícias nas pastas correspondentes a cada mês, mantivemos o seu título original, dando início ao processo de sistematização. O código do PDF foi composto pela data da morte (ano, mês e dia), seguido de uma letra (A, B, C...) que indica a existência de mais de um registro por dia. Ex: 2020_02_23_A.pdf.
Complementares	Registro de notícias complementares a cada caso.
Data da morte	Indica a data da morte da vítima.
Data da notícia	Indica a data em que foi veiculada a informação do crime ou suicídio.
Mês	Indica o mês de ocorrência da morte.
Código do município	Indica o código do município, estabelecido pelo IBGE, onde o crime ou o suicídio aconteceu.
Município	Indica o nome do município onde o crime ou suicídio aconteceu.

UF	Indica em qual Unidade da Federação (UF) o crime ou o suicídio aconteceu.
Macrorregião	Indica a macrorregião onde o crime ou o suicídio aconteceu.
Local	Indica o local onde o crime ou o suicídio aconteceu.
Espaço	Indica se a morte aconteceu em espaço público ou privado.
Nome da vítima	Indica o nome da vítima.
Nome social/alcunha	Indica o nome social/alcunha da vítima.
Período	Indica o período (matutino, vespertino ou noturno) em que o crime ou o suicídio ocorreu.
Título da notícia	Indica o título original da notícia.
Orientação sexual	Indica a orientação sexual da vítima.
Identidade de gênero	Indica a identidade de gênero da vítima.
Segmento	Indica a qual segmento LGBTI+ a vítima pertencia.
Raça/Etnia	Indica a raça/etnia da vítima.
Idade	Indica a idade da vítima.
Profissão/ocupação	Indica a profissão ou a ocupação da vítima.
Defensores de Direitos Humanos	Se a vítima era Defensora de Direitos Humanos ou não.
Tipificação	Indica a tipificação da morte, ou seja, se se trata de um homicídio, latrocínio ou suicídio.
Classificação da Morte	Se ocorreu assassinato, suicídio ou outra morte.
Quantidade de golpes	Indica a quantidade de golpes (tiros, facadas, pauladas) que a vítima recebeu.
Relação vítima x agressor	Indica a relação existente entre a vítima e a pessoa agressora.
Causa Mortis	Indica a causa da morte.
Circunstâncias	Indica em que circunstâncias o crime ou o suicídio aconteceu.
Fonte	Indica a fonte da notícia.
Autoria	Indica a autoria da notícia.
URL	Indica o endereço eletrônico da notícia.
Redes Sociais	Indica as redes sociais da vítima.
Foto da vítima	Arquivo de foto da vítima, se houver.
Data da sistematização	Indica a data da sistematização da notícia.
Responsável pela sistematização	Indica a pessoa responsável pela sistematização da notícia.
Data de revisão	Indica a data da revisão da sistematização de cada notícia.
Responsável pela revisão	Indica a pessoa responsável pela revisão da notícia.
Qualificador LGBTIfobia	Indica o tipo de LGBTIfobia praticada (homofobia, transfobia, lesbofobia etc.).
Justificativa	Indica a justificativa utilizada para preenchimento do campo anterior (Qualificador LGBTIfobia).
Status	Se precisa de mais investigações para completar as informações do caso ou se já está completo.
Situação do caso	Indica a situação do caso no processo de investigação.
Comentários	Apresenta comentários gerais sobre a morte.

Não podemos deixar de pontuar que, em muitas notícias analisadas, a disponibilidade de informações foi limitada, o que dificultou o preenchimento do Quadro 1 e, conseqüentemente, inviabilizou uma análise mais detalhada desses casos específicos. A fim de reduzir essas lacunas, buscamos fontes complementares e alternativas, como consulta em ferramentas *online* de pesquisa e em perfis nas redes sociais, ainda que muitos casos tenham ficado sem elucidação. Nas tabelas e figuras apresentados aqui, adotamos como padrão o termo “Não informado” para designar, quantificar e representar as informações indisponíveis nas fontes consultadas.

Optamos pelo uso da cartografia no Dossiê em função da potencialidade dos mapas para uma análise espacial mais aprofundada. Primeiramente, utilizamos o Philcarto© como *software* de mapeamento, o qual permite técnicas de exploração dos dados por meio da visualização cartográfica. Após o mapeamento no Philcarto©, realizamos a diagramação final dos mapas no *software* Adobe Illustrator©.

Os mapas foram elaborados em três escalas de análise – municipal, estadual/distrital e macrorregional –, que permitem compreender a violência contra a população LGBTI+ de duas formas: em suas particularidades locais, evidenciando cidades e regiões metropolitanas mais violentas; e, no nível das unidades da federação e das macrorregiões brasileiras, de forma mais ampla, na medida em que explicita os grandes territórios em que as pessoas LGBTI+ encontram-se mais vulneráveis.

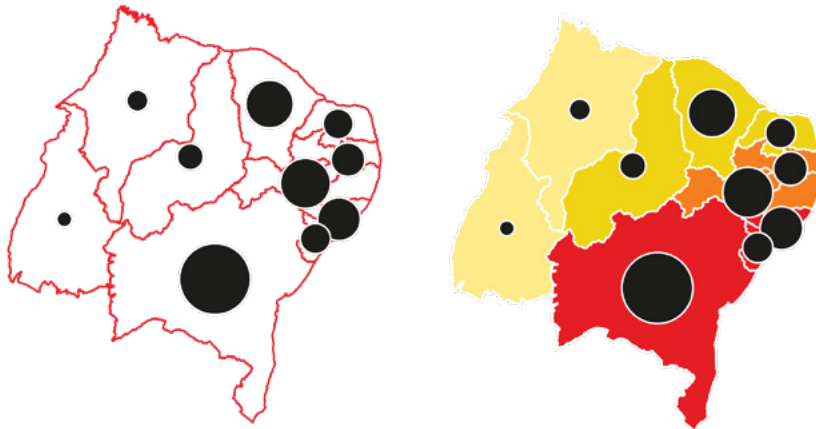
Os dados expressos nos mapas foram trabalhados a partir de duas formas de representação: dados absolutos e dados relativos (Figura 1). Os dados absolutos estão representados pelos círculos existentes em cada unidade espacial. Já os dados relativos estão retratados pelas diferentes cores do mapa, que evidenciam a quantidade de mortes a cada milhão de habitantes.

Foram utilizados os dados da Prévia do Censo Demográfico de 2022 divulgados pelo IBGE para o cálculo de mortes por milhão de habitantes.¹¹ Consideramos necessárias e complementares as duas formas de representação, pois enquanto uma permite compreender as unidades espaciais individualmente

11 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 01 abril 2023.

(dados absolutos), a outra possibilita estabelecer relações entre as unidades espaciais em função do contingente populacional de cada uma delas (dados relativos) .

FIGURA 1: REPRESENTAÇÃO DOS DADOS ABSOLUTOS E RELATIVOS NOS MAPAS



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Ressaltamos que esta pesquisa configura-se como um panorama da situação social vivenciada pela população LGBTI+ no Brasil. Expressamos abertamente que, por mais que nos esforcemos para representar e catalogar a notável situação desumana que estão expostas as pessoas LGBTI+ no país, as complexidades que materializam tais violações que, em último grau, resultam no assassinato dessa população, não estão aqui representadas em sua totalidade, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Para fazê-lo, é necessária a ampliação de recursos, tanto humanos quanto financeiros, para que possamos nos articular com outras instituições, como as Secretarias Estaduais de Segurança Pública e os Institutos Médicos Legais (IMLs), condições estas que estamos construindo para os próximos Dossiês.

3 Violência Contra a População LGBTI+ no Brasil

A população brasileira LGBTI+ tem sido vitimada por diferentes formas de LGBTIfobia desde a colonização do país, quando ainda não se utilizava as denominações atuais de sexualidade e gênero. Em função das diferentes formas pelas quais a LGBTIfobia se expressa, essas pessoas são colocadas em situação de vulnerabilidade por não se enquadrarem em um padrão socialmente referenciado na heteronormatividade¹², na binariedade¹³ e na cisnormatividade¹⁴.

O Brasil se constitui como um país extremamente inseguro para essa população, como podemos observar tanto na Figura 2, que indica uma tendência de crescimento no número de mortes violentas de LGBTI+ nas últimas duas décadas, como na descrição de alguns casos ocorridos em 2022. É importante constar que, apesar de os casos fatais de LGBTIfobia ocorrerem historicamente, é recente o esforço coletivo de sistematizá-los e analisá-los com o intuito de elaborar estratégias mais específicas e assertivas de combate ao preconceito. Diante da ausência de dados governamentais, foi necessário que o Movimento LGBTI+ se articulasse para denunciar e promover a defesa de nossa comunidade frente ao extermínio das nossas cidadanias.

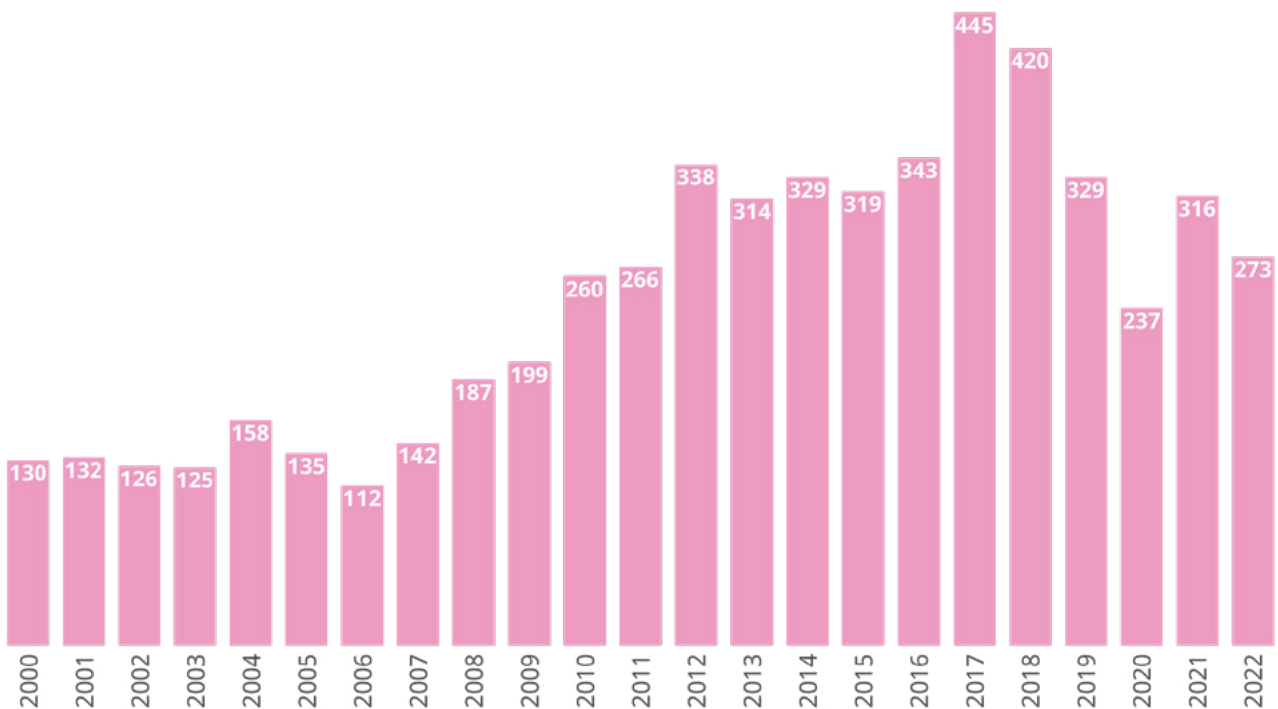
12 Reis e Teixeira (2017) descreve a heteronormatividade como “uma padronização de sexualidade que regula o modo como a sociedade contemporânea está organizada, em um padrão de normalidade heterossexual, impondo normas sobre o corpo e limitando suas performances” subjulgando qualquer sexualidade dissidente dessa norma. Disponível em: <http://jornalold.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/292/>

13 Pontes e Silva (2017) definem a binariedade como a noção [preconceituosa] de que os corpos, se normais, terão seus gêneros definidos a partir de duas alternativas, sendo elas: macho/homem, fêmea/mulher.

14 O conceito de cisnormatividade refere-se a compreensão de que todo mundo nasce cisgênero e que há uma continuidade e persistência da identificação de gênero designada com base no sexo biológico ao longo da vida, julgada pela repetição das expectativas de performances de gênero associadas a homens e a mulheres. Dessa forma, as marcas corporais relacionadas ao ‘sexo biológico’ são tomadas como naturais e objetivas para definição de sexo-gênero, associando sexo à esfera biológica e gênero à cultural (Pontes & Silva, 2017). Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23211>

Entre 2000 e 2022, 5.635 (cinco mil e seiscentas e trinta e cinco) pessoas morreram em função do preconceito e da intolerância de parte da população e devido ao descaso das autoridades responsáveis pela efetivação de políticas públicas capazes de conter os casos de violência. Em 2022, registramos um total de 273 mortes de pessoas LGBTI+.

FIGURA 2: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL ENTRE 2000 A 2022



FONTE: ACONTECE LGBTI+, GRUPO GAY DA BAHIA, OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Dentre as mortes que ocorreram no ano de 2022, contextualizamos aqui quatro casos com o intuito de explicitar o grau de crueldade e tortura que são submetidas as nossas corporalidades, práticas violentas que visam expor pejorativamente a identidade de gênero e orientação sexual de suas vítimas a fim de nos desumanizar, reforçando que se tratam de crimes LGBTIfóbicos.

Alerta de conteúdo descritivo com conteúdo violento, sensível, sugerimos precaução e atenção à saúde mental.



Em seu aniversário de 46 anos, José Cláudio, junto a Aldemir, foram à casa de João Batista. De repente, em determinado momento da noite, José Cláudio e Aldemir se beijam. O anfitrião, João Batista, ficou indignado com o que viu, e, enraivecido, inicia uma briga.

Tudo parece ter acontecido muito rápido, de modo que quando a esposa do anfitrião foi ver o que tinha ocorrido encontrou o marido, o José Cláudio e o Aldemir caídos no chão.

Acionou o Samu que socorreu seu marido e Aldemir, mas constatou que José Cláudio estava em óbito, devido ao seu último beijo. Riacho das Almas - PE¹⁵.

15 Disponível em <https://www.portalagresteviolento.com.br/2022/04/16/homem-foi-assassinado-vitima-de-crime-de-homofobia-em-riacho-das-almas/>



Josy Kelly era uma ativista social conhecida em Arapiraca pela luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+ local.

Seu corpo foi achado dias depois do crime, em estado de putrefação, com marcas de arma branca. Familiares perceberam que itens da casa também foram subtraídos.

Mesmo após sua morte, a violência transfóbica continua, ao observar que a própria reportagem a trata em pronomes masculinos, desrespeitando sua identidade de Mulher Trans e perpetuando a violência que a matou¹⁶.

16 Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/1484563/policia-civil-investiga-se-enfermeiro-foi-morto-por-ser-homossexual-delegado-explica-em-video/>



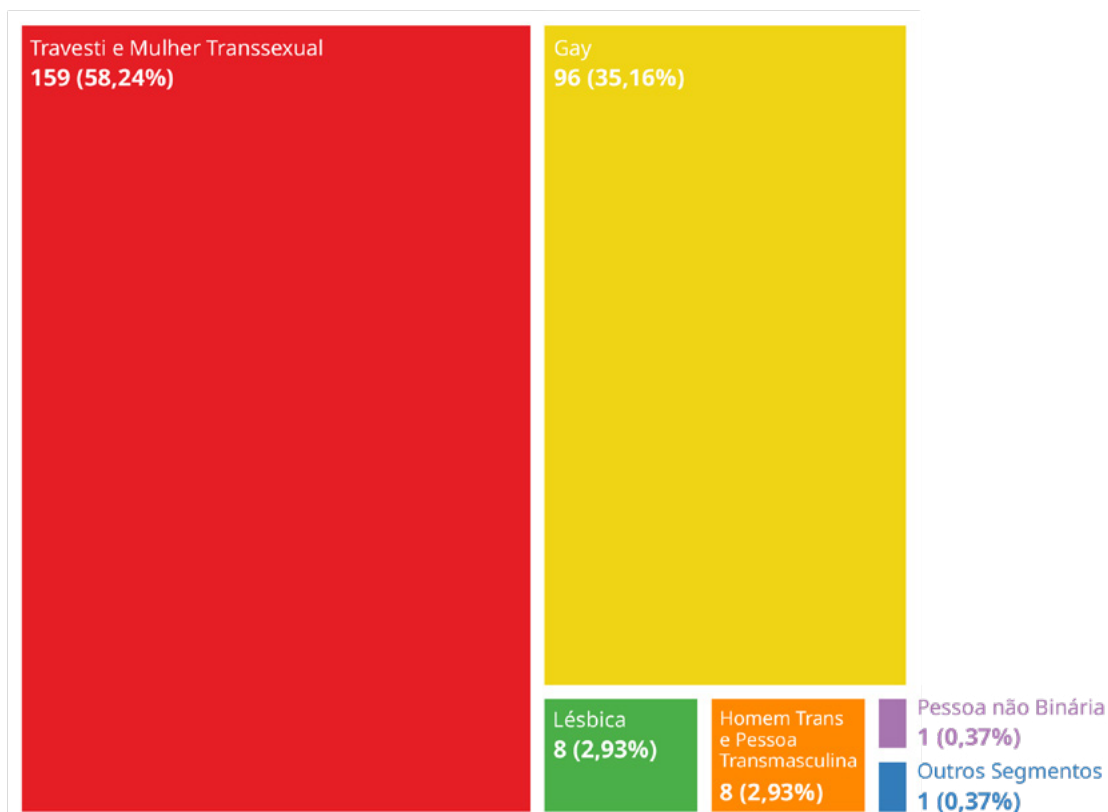
Kauê Vestemberg e as informações iniciais dão conta de que ele era trans, estava em fase de transição e lutava contra o preconceito. Ele tirou a própria vida.

Nessa reportagem, também percebe-se a violência transfóbica quando utilizam o gênero feminino para referirem a Kauê, um Homem Trans. Mesmo após sua morte, seu nome social é desrespeitado e invalidado, sendo inclusive colocado entre aspas na notícia. encontrado¹⁷.

17 Disponível em: <https://www.gmaisnoticias.com/jovem-e-encontrada-morta-em-casa-no-distrito-da-palmeirinha-em-guarapuava>

Para uma melhor compreensão das mortes ocorridas em 2022, agrupamos as vítimas, como as pessoas acima, em sete segmentos LGBTI+, pensados a partir da orientação sexual e da identidade de gênero dessas pessoas. São eles: gay; lésbica; bissexual; travesti e mulher transexual; homem trans e pessoa transmasculina; pessoa não binária; e outras pessoas vitimadas pela LGBTIfobia, identificadas nas tabelas e figuras como “Outros segmentos”¹⁸.¹⁹Reconhecemos que a escolha dessas categorias não dá conta da multiplicidade de expressões identitárias da população LGBTI+, entretanto, para fins de análise, entendemos que elas permitem uma percepção mais acurada do perfil das vítimas e das motivações das violências praticadas (Figura 3).

FIGURA 3: NÚMERO DE MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

18 Incluímos nessa categoria pessoas cisgêneras que se identificavam ou foram identificadas por terceiros como heterossexuais e que, ainda assim, foram mortas ou se suicidaram em decorrência dos reflexos da LGBTIfobia estrutural.

19 Nesta pesquisa, consideramos a utilização do termo gay para nos referir ao segmento de homens gays cisgêneros, assim como lésbicas para mulheres lésbicas cisgêneras, e bissexuais para bissexuais cisgêneros.

Dentre os sete segmentos analisados, dois grupos foram os mais violentados, como nos anos anteriores, reunindo um pouco mais de 93% dos casos: a população de travestis e mulheres trans, com 58,24% dos casos (159 mortes); e os homens gays, representando 35,16% do total (96 mortes). Também foram encontrados casos de violência contra homens trans e pessoas transmasculinas e mulheres lésbicas, com 2,93% dos casos (08 mortes cada); contra pessoa não binária (0,37% - 01 morte); e contra pessoa identificada como outros segmentos (0,37% - 01 caso) (Figura 3).

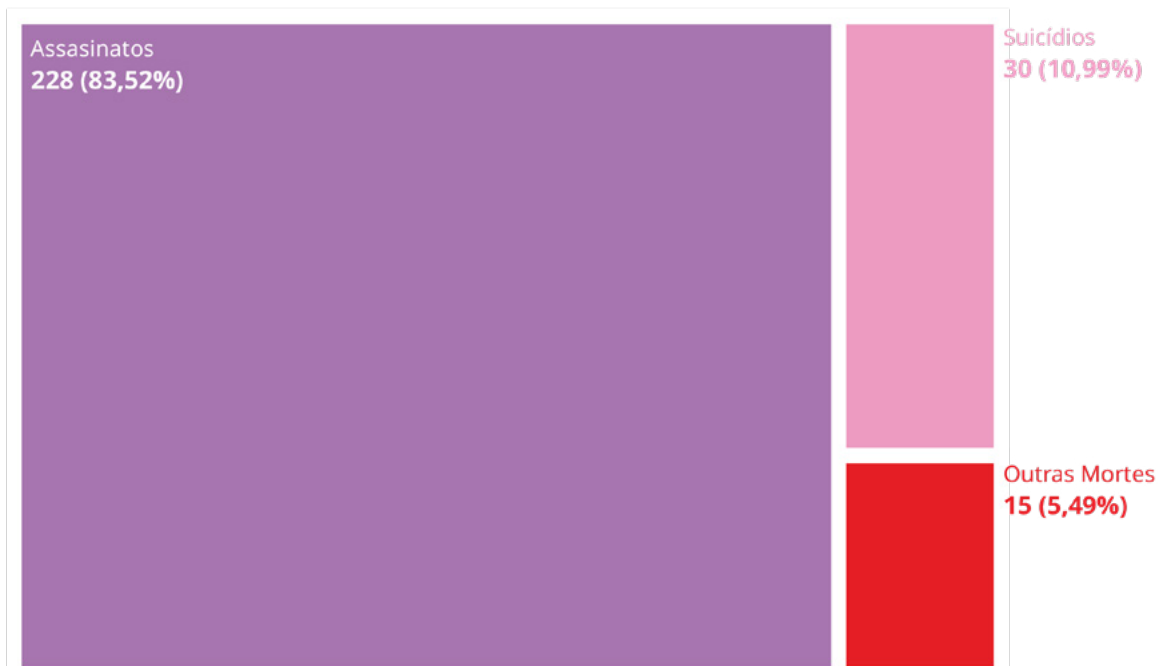
Ao analisar a identidade de gênero das pessoas trans assassinadas nos últimos anos percebemos uma quase total ausência de informações de homicídios contra pessoas não binárias. Tendo sido mapeado, até 2022, apenas um único caso, em 2017, onde foi efetivamente marcada a identidade Não-Binária na fonte da informação. Caso que é marcado pela brutalidade e violência, inclusive no decorrer do processo. Em 2022 faz cinco anos que perdemos Matheusa Passareli²⁰.

A pesquisa identificou diversos tipos de violência, como agressões físicas e verbais, negativas de fornecimento de serviços²¹ e tentativas de homicídio, que foram perpetradas em diferentes ambientes – doméstico, via pública, cárcere, local de trabalho etc. Como pode ser observado na Figura 4, houve uma maioria de mortes provocadas por terceiros: 228 assassinatos, representando 83,52% do total. Houve também um número significativo de suicídios, com 30 casos registrados (10,99%), o que evidencia possíveis danos causados pela LGBTIfobia estrutural, que impacta significativamente a saúde mental das pessoas, podendo levar a intenso sofrimento ou mesmo à retirada da própria vida por pessoas em situação de vulnerabilidade.

Nestes casos, o sofrimento é marcado por um determinante social, no sentido do preconceito em si impactar a saúde mental de pessoas LGBTI+. Não se tratam de pessoas doentes em si por conta de sua identidade de gênero ou sexualidade, mas pela violência social as afetar intensamente.

20 Matheusa Passareli. Disponível em: <https://ponte.org/matheusa-passareli-e-revolucao-e-a-mor-dizamiga-de-estudante-executada-no-rio/>

21 Negativas de fornecimento de serviços refere-se a inviabilização do acesso, em nossos casos devido à LGBTIfobia, a serviços públicos ou privados: de saúde, assistência social, educação, moradia, alimentação, dentre outros direitos básicos constitucionais.

FIGURA 4: TIPIFICAÇÃO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022

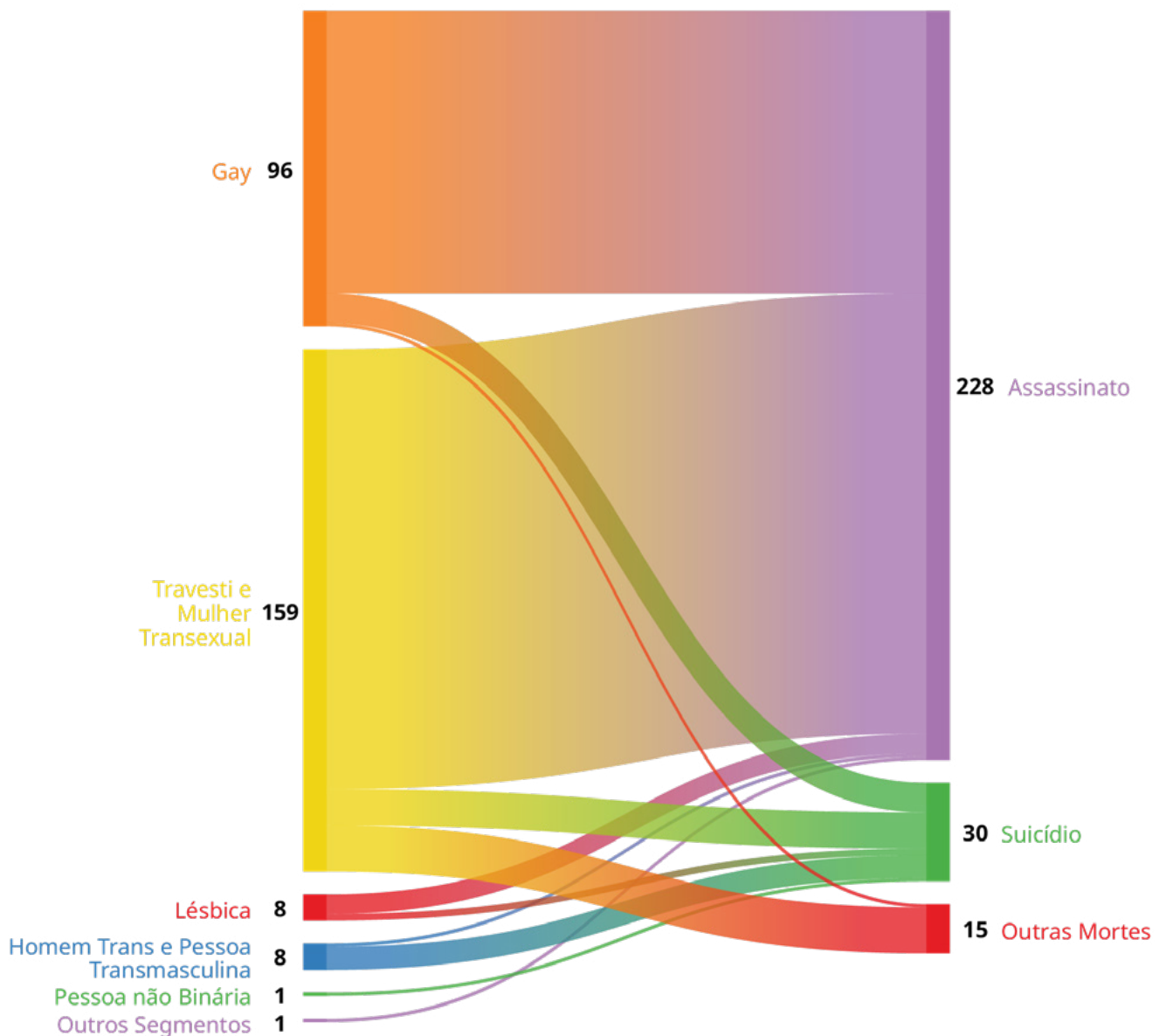
FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Os 15 (5,49%) casos indicados como outras mortes corresponderam a situações particulares de óbitos violentos e/ou decorrentes da LGBTIfobia estrutural, não se enquadrando, desse modo, nas duas categorias principais de tipificação (assassinato e suicídio). Dessas quinze vítimas, seis foram apontadas como desaparecidas; uma morreu afogada e está sendo investigado se a pessoa foi empurrada na água; duas foram encontradas mortas sem sinais de violência e os casos estão sendo investigados; duas foram dadas como falecidas sem maiores detalhes sobre a causa das mortes nas notícias; duas morreram por negligência médica; uma por mal súbito; e, por fim, uma morte ocorreu durante uma aplicação de hidrogel nas nádegas da vítima, o que demonstra a insegurança dos procedimentos médicos/estéticos realizados por essa população e sinaliza a necessidade de tratamento da questão como um problema de saúde pública.

Ao cruzarmos a tipificação das mortes com os segmentos LGBTI+ analisados, percebemos que, em 2022, as travestis e mulheres transexuais (134 casos) foram as que mais morreram por homicídio, seguidas pelos homens gays (86 casos) e lésbicas (seis casos). Chama a atenção a situação de homens trans e pessoas transmasculinas que morreram, majoritariamente, por suicídio (sete casos). Também houve um número expressivo de mortes por suicídio de travestis e mulheres transexuais (11 casos). Comparando-se as populações cisgênero e transgênero analisadas, é notório que os casos de suicídio acometeram principalmente as pessoas transexuais, totalizando 18 casos em 2022 (Figura 5).

Ressaltamos que após lançamento do Dossiê de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022 da ANTRA, lançado em janeiro de 2023, finalizamos a revisão da base de dados compartilhada e destacamos que: em relação às mortes de pessoas trans, encontramos registros de quatro travestis/mulheres trans assassinadas fora do país, um caso de desaparecimento em que pessoa foi encontrada viva, um caso ocorrido em 2021 e outro que estava duplicado e que não foram considerados nesta pesquisa. Dois assassinatos e duas outras mortes foram sistematizadas após o lançamento pela ANTRA. Diante disso, a ANTRA incluirá na sua próxima versão do dossiê trans uma atualização em forma de errata passando a constar o dado atualizado da base comum de casos monitorados pelo Observatório.

FIGURA 5: TIPIFICAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+, POR SEGMENTO, EM 2022



O perfil das vítimas constitui uma categoria de análise essencial ao estudo das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, especialmente quando buscamos compreender a diversidade de dinâmicas e práticas socioespaciais²² vivenciadas por essa população. Travestis e mulheres transexuais, por exemplo, têm sido alvo preferencial de ataques em espaços públicos, ao mesmo tempo que sua exclusão social é marcada por obstáculos de diferentes naturezas, como a dificuldade de acesso à educação e ao mercado de trabalho formais, assim como a falta de oportunidades em função da condição de travestilidade e transexualidade dessas pessoas.

A pesquisa demonstrou que **violência física e psicológica contra LGBTI+ no Brasil atinge todas as raças/etnias, idades, classes sociais e profissões**, ainda que de maneira diversa e, em alguns casos, desigual. Contudo, é comum as reportagens sobre assassinatos omitirem informações básicas sobre esse segmento da população, o que contribui para a sua invisibilização e para a relativização da violência. Nesse sentido, realizamos um esforço metodológico com o objetivo de melhor compreender tanto o perfil das vítimas quanto as condições das mortes violentas de pessoas LGBTI+. É o que apresentamos a seguir, destacando as seguintes informações: a faixa etária das vítimas; a raça e a etnia das pessoas mortas; a profissão ou a ocupação dessa população; sua orientação sexual e identidade de gênero; a causa das mortes; o local e o período do dia dos casos registrados; e, por fim, uma análise mais detalhada das mortes causadas por suicídio.

3.1 Faixa Etária das Vítimas

A idade das vítimas variou de 13 a 75 anos em 2022. Distribuindo-se os casos por decênios, percebemos que a maioria das mortes ocorreu com pessoas adultas jovens que possuíam entre 20 e 29 anos: 91 casos, que se referiam a 33,33% do total. As demais faixas etárias das vítimas corresponderam às seguintes proporções: 22 pessoas com idade entre 10 a 19 anos (8,06%), das quais dez eram menores de idade, possuindo entre 13 e 17 anos; 52 pessoas entre 30 e 39 anos (19,05%); 31 pessoas entre 40 e 49 anos (11,36%); 13 pessoas entre 50 e 59 anos (4,76%); e uma pessoa entre 70 e 79 anos (0,37%). Destacamos que

22 Segundo Catalão (2011), socioespaciais “são processos que envolvem as relações sociais e o espaço social. Trata-se de uma contribuição importante sobre a maneira de se refletir sobre os processos ocorrentes no âmbito da relação entre espaço e sociedade”. Disponível em: <<https://doi.org/10.33081/for-macao.v2i18.597>>

não foi possível identificar a idade de 63 casos registrados, o que corresponde a 23,08% do total (Figura 6).

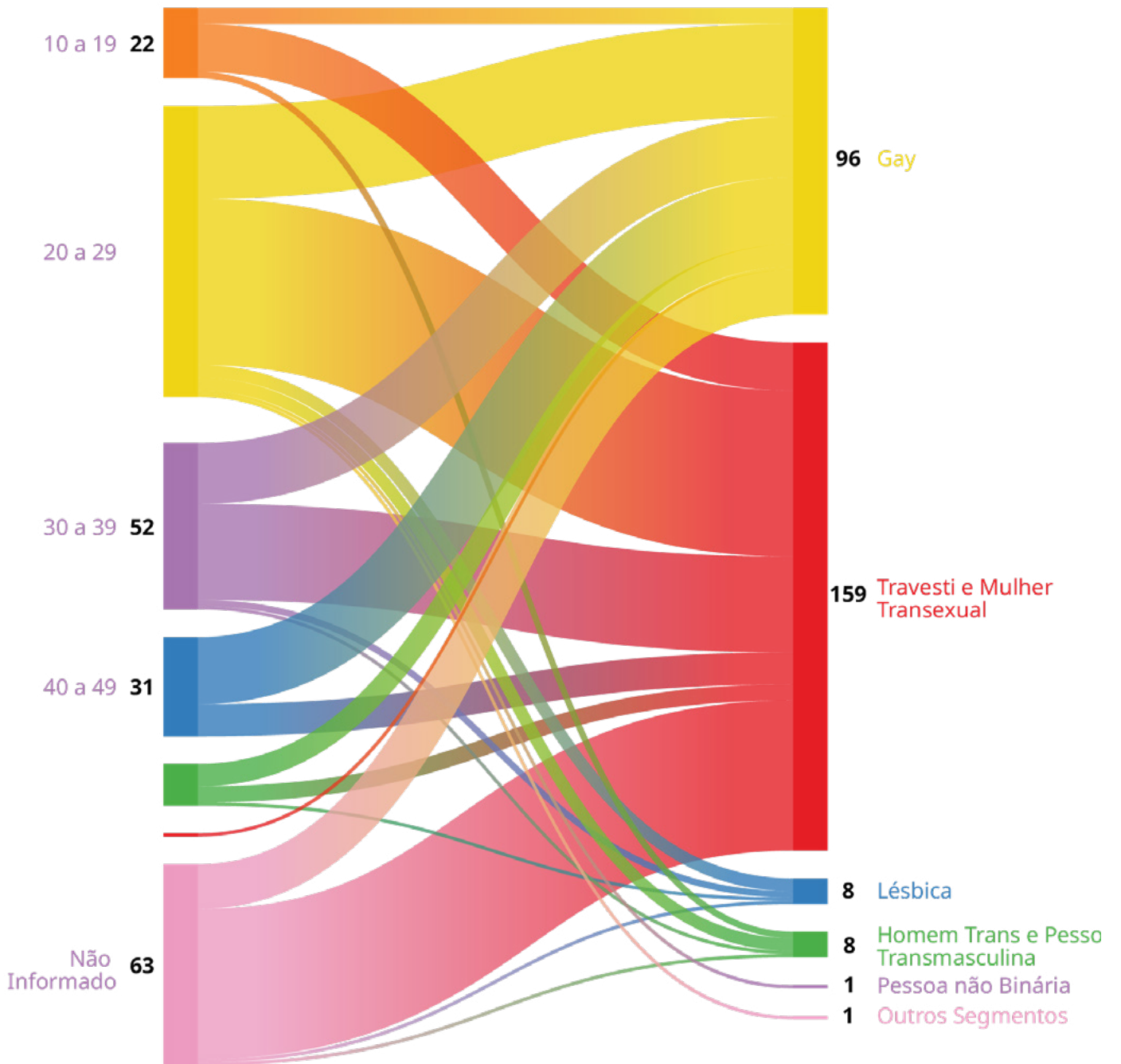
FIGURA 6: FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Se cruzarmos as informações de faixa etária das vítimas com os segmentos LGBTI+ estabelecidos na pesquisa, percebemos que, em todos os segmentos, a maioria dos casos se deu em pessoas adultas jovens, sobretudo entre 20 e 29 anos, acompanhando a tendência geral. Destacamos os 63 casos em que não foi possível identificar a idade das vítimas: 74% dos casos corresponderam a travestis e mulheres transexuais, o que evidencia o descaso do poder público e das forças de segurança, como a polícia civil, que é responsável pela investigação e solução dos casos, na forma como esse segmento é tratado nas investigações das mortes e nas notícias publicadas na mídia (Figura 7).

FIGURA 7: FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022

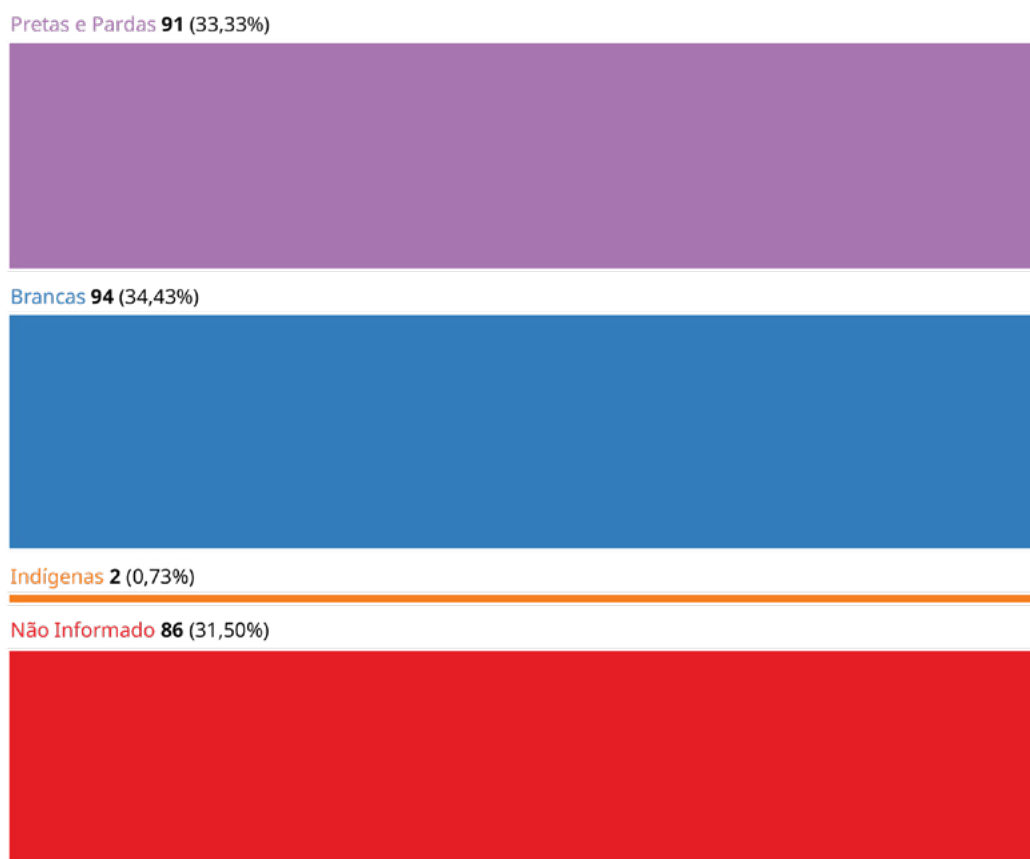


FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

3.2 Raça e Etnia das Vítimas

Dos 273 casos registrados, identificamos a raça/etnia de 187 vítimas, que correspondem a 68,50% do total. Percebemos uma distribuição aproximada das mortes entre pessoas brancas, com 94 casos (34,43%), e pretas/pardas, com 91 casos (33,33%). No caso de pessoas indígenas, houve apenas dois casos, os quais representam 0,73% do total (Figura 8).

FIGURA 8: RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2022.

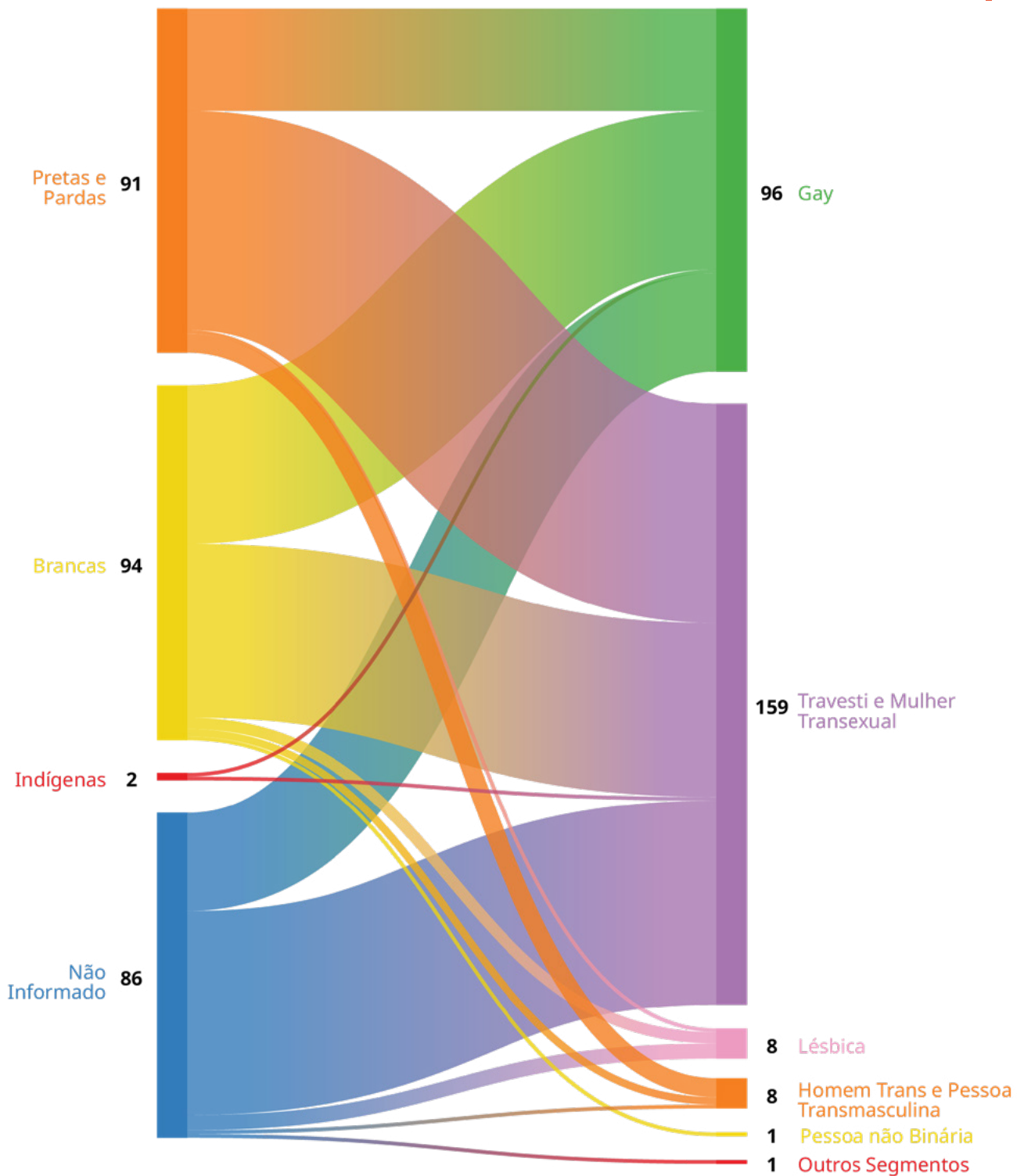
Na análise detalhada por segmento LGBTI+, chamamos a atenção para a diferença de composição racial/étnica dos segmentos gays e travestis e mulheres transexuais. Entre os homens gays, predominaram as pessoas brancas (42) em relação às

pretas e pardas (27). Já entre as travestis e mulheres transexuais, houve maior número de mortes de pessoas pretas e pardas (58) que de pessoas brancas (46) (Figura 9).

Outro aspecto importante foi a significativa ausência de dados relativos à raça/etnia nas informações jornalísticas, especialmente no segmento gay e, no de travestis e mulheres transexuais. Isso reflete a vulnerabilidade a que essas populações estão sujeitas quanto à violação de direitos. Essa omissão de dados é parte do processo de exclusão e violência contra as pessoas com identidades e sexualidades dissidentes da norma.

Ressaltamos que, na falta de informações jornalísticas sobre raça e etnia, procuramos identificar essas características com base nos perfis sociais das vítimas, que às vezes continham uma autodefinição, ou em imagens das vítimas publicadas tanto nas redes sociais quanto nas notícias consultadas, adotando o uso da heteroidentificação pela equipe que analisa os dados. Nesse quesito, reconhecemos a problemática da definição de raça e etnia por terceiros, o que constitui uma lacuna em nossa pesquisa, uma vez que ainda não temos acesso aos documentos pessoais das vítimas e, por não necessariamente terem declarado esse dado de forma pública e em vida.

Devido a essa fragilidade, e com base em outros dados sobre violências direcionadas à população negra, suspeitamos que os crimes contra pessoas LGBTI+ negras são pouco reportados e que esse dado, nesta pesquisa, não reflete a realidade. A fim de superar essa limitação, visamos a aprimorar nossa metodologia para que os dados sejam cada vez mais fidedignos e que deem conta da realidade que estamos inseridas/os, além de possibilitar um contato com amigos e familiares que possam ter conhecimento sobre essas e outras informações essenciais das vítimas.

FIGURA 9: RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022

FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

3.3 Profissão e Ocupação das Vítimas

Infelizmente não identificamos a profissão/ocupação de 171 vítimas, o que corresponde a mais de 62,64% do total de mortes registradas em 2022. Devido à ausência dessas informações, ressaltamos que a análise realizada dá conta de menos da metade dos casos registrados, o que relativiza esse resultado e, ao mesmo tempo, demonstra a invisibilização dessa população, que não é reconhecida pela sua atividade de trabalho, mas pela sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Nessa direção, é preocupante que a atividade mais praticada pelas vítimas tenha sido a prostituição (8,79%), o que aponta tanto para o grau de exclusão e violação de direitos básicos de uma ampla parcela da comunidade LGBTI+ brasileira, sobretudo pessoas trans, quanto para a possibilidade de essas pessoas terem sido mortas no exercício da sua ocupação como profissionais do sexo (Figura 10).

Dos 24 casos de mortes violentas de profissionais do sexo, 23 eram travestis e mulheres transexuais. Esse dado reflete a exclusão das travestis e mulheres transexuais do cis-tema vigente²³, que limita o acesso dessa população à saúde, à educação e ao mercado de trabalho. Segundo Benevides e Nogueira (2021)²⁴:

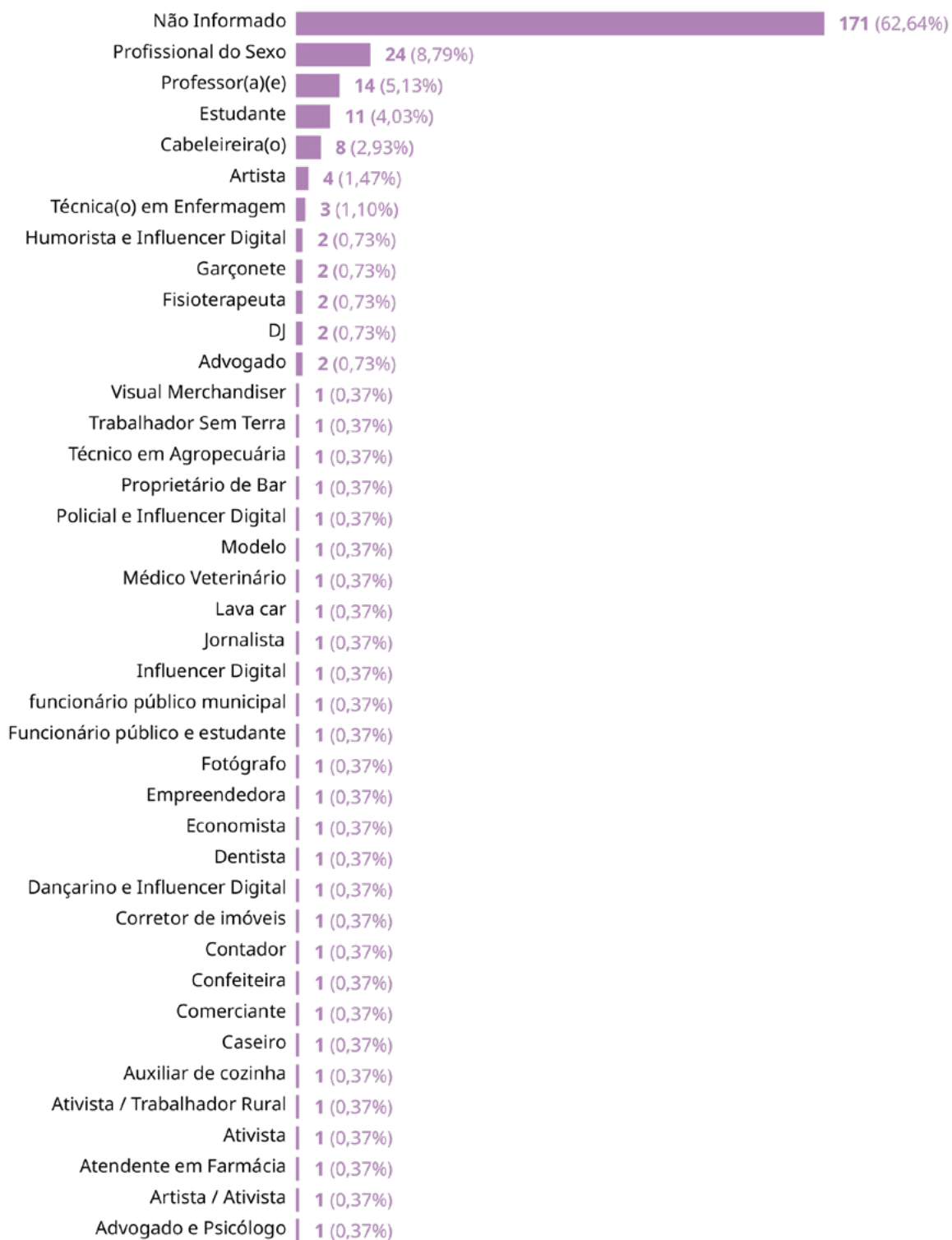
[a]penas 4% da população trans feminina se encontra em empregos formais, com possibilidade de promoção e progressão de carreira. Da mesma forma, vemos que apenas 6% estão em atividades informais e subempregos, mantendo-se aquele que é o dado mais preocupante: 90% da população de travestis e mulheres transexuais utilizam a prostituição como fonte primária de renda.

Diante desses dados fica nítido que o trabalho como profissionais do sexo não é uma escolha para travestis e mulheres trans.

23 Cis-tema remete que as estruturas sociais vigentes, como mercado de trabalho, serviços de saúde, educação, etc, focam e priorizam pessoas cisgênero.

24 Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>

FIGURA 10: PROFISSÃO E OCUPAÇÃO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Identificamos outras 38 profissões/ocupações atribuídas às vítimas de mortes violentas. Destacamos o óbito de 14 professoras/es (5,13%), das/os quais 12 eram homens gays, uma era travesti ou mulher transexual e uma era não binária. Ressaltamos o falecimento de 11 estudantes (4,03%) que possuíam, no máximo, 32 anos. Por fim, evidenciamos a morte de oito cabeleireiras/os (2,93%).

3.4 Orientação Sexual das Vítimas

Compreendemos como orientação sexual um conjunto de práticas, sentimentos e afetividades que direcionam a atração sexual e/ou emocional para determinados gêneros com quem a pessoa se relaciona. Durante a pesquisa, tivemos acesso somente a casos que envolveram a homossexualidade e a heterossexualidade²⁵, identificada como “Outros Segmentos”. Em 2022 não registramos mortes de pessoas identificadas como bissexuais²⁶. A orientação sexual das vítimas revelou, em muitos dos óbitos analisados, a motivação dos crimes praticados e, conseqüentemente, das mortes ocorridas. Por serem carregadas de preconceito e discriminação, as agressões contra a população LGBTI+ têm violado, sobretudo, os corpos de gays e lésbicas, mas também têm afetado pessoas bissexuais e outros segmentos não identificados como os anteriores.

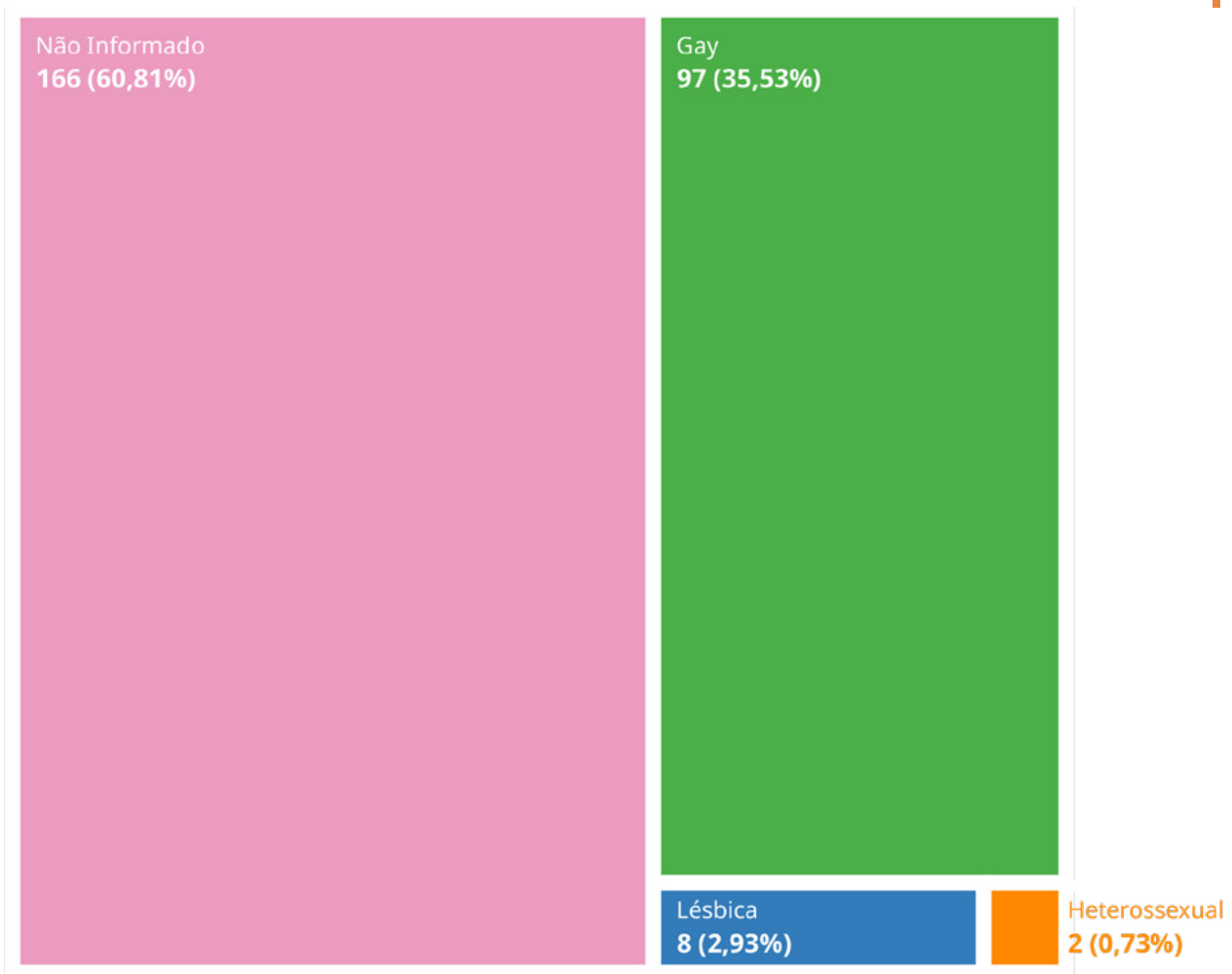
Dentre os segmentos analisados por orientação sexual, a população de gays foi a que mais sofreu com as mortes violentas, representando 35,53% do total (97 mortes). Em seguida estavam as lésbicas, com 2,93% (8 mortes), e outros segmentos, com duas mortes (0,73%). A grande quantidade de casos não informados (166) demonstra que há uma incompreensão por parte da imprensa em relação às diferenças entre orientação sexual e identidade de gênero. Ao mesmo tempo, pode evidenciar que a orientação sexual não tenha sido revelada por pes-

25 Como já explicamos anteriormente, incluímos nessa categoria pessoas cisgêneras que se identificavam como heterossexuais, mas que foram concebidas como LGBTI+ por terceiros e, por isso, foram mortas ou se suicidaram em decorrência dos reflexos da LGBTIfobia estrutural.

26 Jaeger (2018) problematiza a existência de um conjunto de mecanismos responsáveis pela marginalização de pessoas bissexuais na sociedade. São eles: os mecanismos de hipersexualização, de patologização e de apagamento das bissexualidades. Destacamos aqui esse último mecanismo, que faz com as bissexualidades sejam consideradas inexistentes e apagadas pelo binário heterossexualidade/homossexualidade (JAEGER, 2018), porque o apagamento das bissexualidades pode consistir em uma das causas pelas quais a identidade bissexual não foi marcada em nenhuma notícia ou publicação em redes sociais que compõem nosso banco de dados. Referência: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205732/PPSI0827-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>

soas próximas das vítimas por conta de preconceito (Figura 11). Assim como no caso de pessoas trans, em que a orientação sexual quase nunca é evidenciada e por isso há uma lacuna na identificação desse marcador.

FIGURA 11: ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022



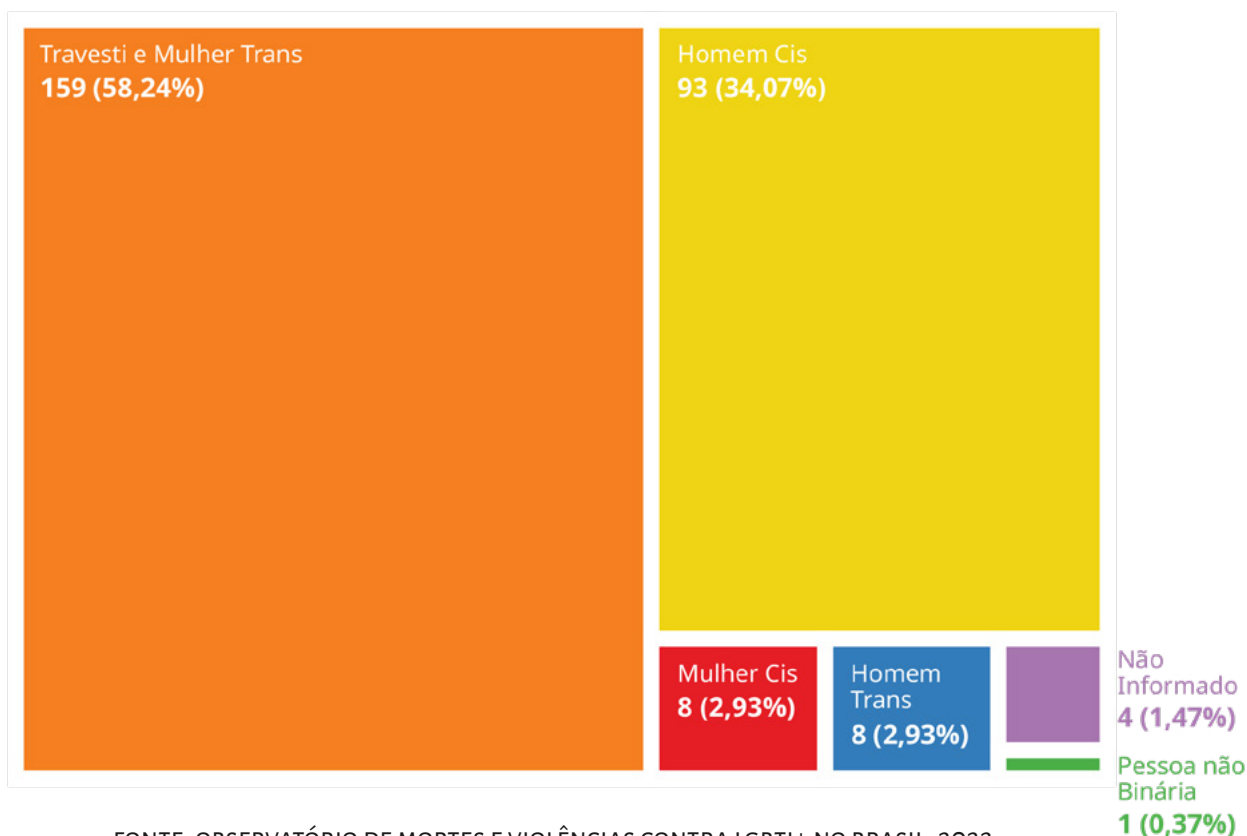
FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

3.5 Identidade de Gênero das Vítimas

A violência materializada contra os corpos de LGBTI+ é, em grande medida, uma violência de gênero, visto que as mortes de travestis, mulheres transexuais e mulheres cisgêneras totalizaram 167 casos, representando 61,17%. Desse total, é evidente que as primeiras foram as mais atingidas, com 159 mortes (58,24%), enquanto o

número de mulheres cis mortas foi de oito (2,93%). Em relação aos homens, os cisgêneros foram os mais vitimados pela violência, com um total de 93 pessoas (34,07%). Já os homens trans somaram um total de oito pessoas mortas (2,93%) (Figura 12).

FIGURA 12: IDENTIDADE DE GÊNERO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022

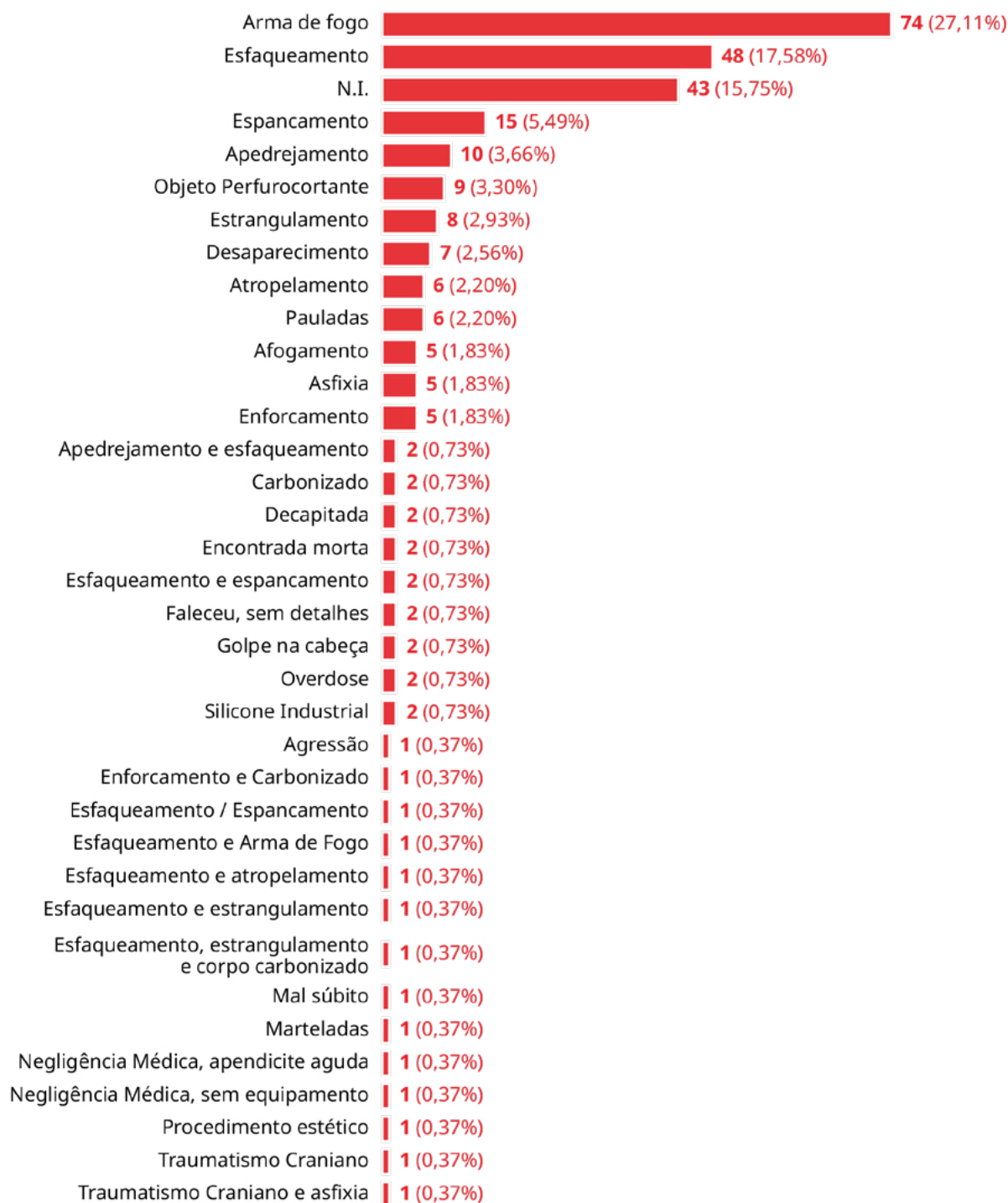


FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

3.6 *Causa Mortis*

A identificação da *causa mortis*, ou seja, da causa do óbito das vítimas, é um elemento imprescindível para a compreensão das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. Esse dado explicita a dinâmica das agressões e dos crimes praticados, geralmente marcados por ações violentas e repletas de crueldade. O dado também indica a necessidade de adoção de medidas de combate à violência contra pessoas LGBTI+, sobretudo no que diz respeito às causas de morte identificadas com maior frequência, como elucidada a Figura 13.

FIGURA 13: CAUSA MORTIS DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

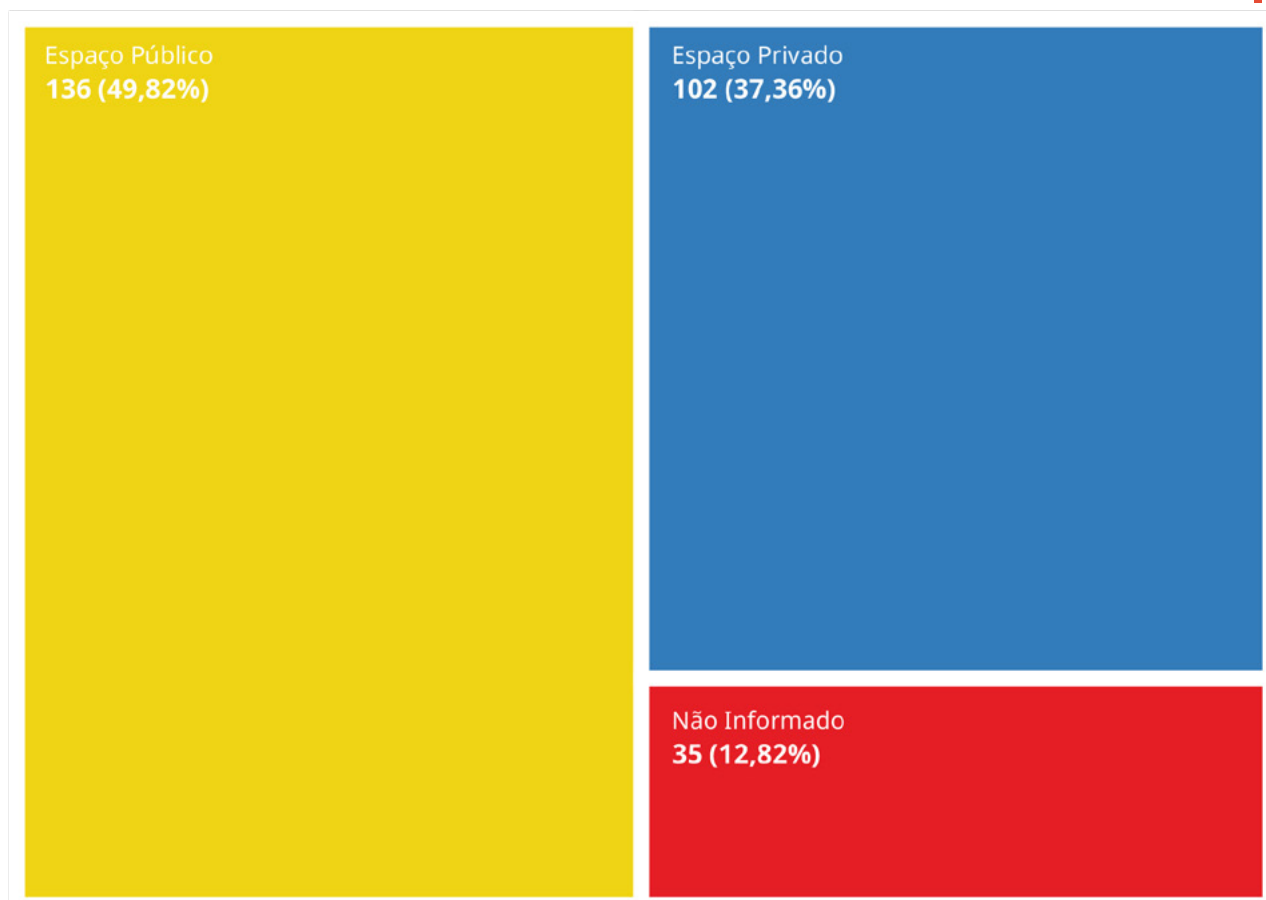
Em 2022, detectamos 35 diferentes *causa mortis* de LGBTI+ no Brasil, o que reflete a multiplicidade de atos violentos passíveis de serem praticados contra uma população vulnerável. Em termos quantitativos, as duas *causas* mais frequentes foram: armas de fogo, com a morte de 74 pessoas (27,11%), e esfaqueamento, com 48 mortes (17,58%). Em seguida, foram registrados 15 óbitos por espancamento (5,49%), 10 mortes por apedrejamento (3,66%), 9 assassinatos por objetos perfurocortantes (3,30%) e 8 por estrangulamento (2,93%). Ressaltamos também que não obtivemos informações sobre a *causa mortis* de 43 casos (15,75%) .

Em todas as perdas aqui constatadas, a violência se configurou como um elemento central, presente também nas *causas mortis* menos utilizadas, como enforcamentos, estrangulamentos, torturas, pauladas e apedrejamento. É nesse sentido que se observa requintes de crueldade quando as vítimas integram a população LGBTI+, o que caracteriza os crimes aqui citados como crimes de ódio.

Quando observamos a causa mortis dos dois segmentos com maior número de vítimas, percebemos que, no caso de travestis e mulheres transexuais, 56 pessoas foram mortas por armas de fogo, o que significa 35,2% do total de 159 vítimas. Já entre homens gays, a principal causa das mortes foi esfaqueamento (26, o que corresponde a 27% dos 96 casos).

3.7 Local da Morte

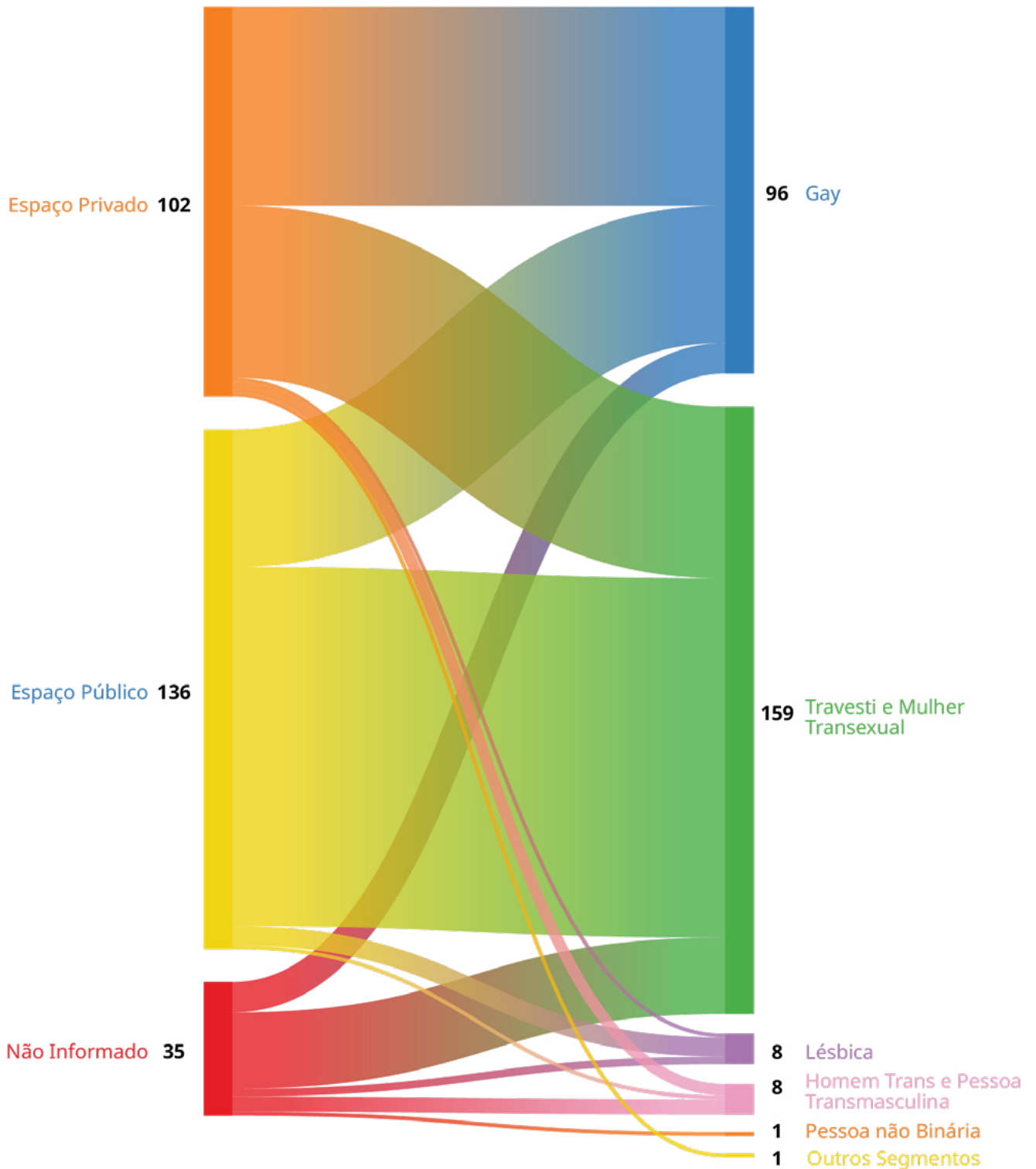
O local da morte das pessoas LGBTI+ no Brasil evidencia diversos aspectos que constituem a subjetividade das vítimas, como expressão corporal, raça/etnia, identidade de gênero e orientação sexual. Analisando e expondo o local das mortes da população LGBTI+, identificamos 136 casos ocorridos em espaços públicos, o que corresponde a 49,82% do total. Apesar da predominância de violências em espaços públicos, os espaços privados tampouco podem ser considerados seguros para essa população, haja vista que 102 mortes (37,36%) ocorreram em espaços privados, como a casa das vítimas, onde ocorreram 67 mortes violentas.

FIGURA 14: LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2022

FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Quando observamos o local das mortes por segmento LGBTI+, percebemos algumas especificidades nos casos de travestis, mulheres transexuais e de homens gays. As travestis e mulheres transexuais morreram majoritariamente nos espaços públicos (94), enquanto 45 faleceram em espaços privados. Essa informação evidencia uma maior situação de vulnerabilidade desse segmento nos espaços públicos, onde geralmente é violentado durante sua atividade de trabalho associada à prostituição (Figura 15). Já os 52 homens gays morreram em espaços privados, 36 foram mortos em espaços públicos. Esse dado indica que a maioria das mortes ocorreu nas residências desses homens.

FIGURA 15: LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022

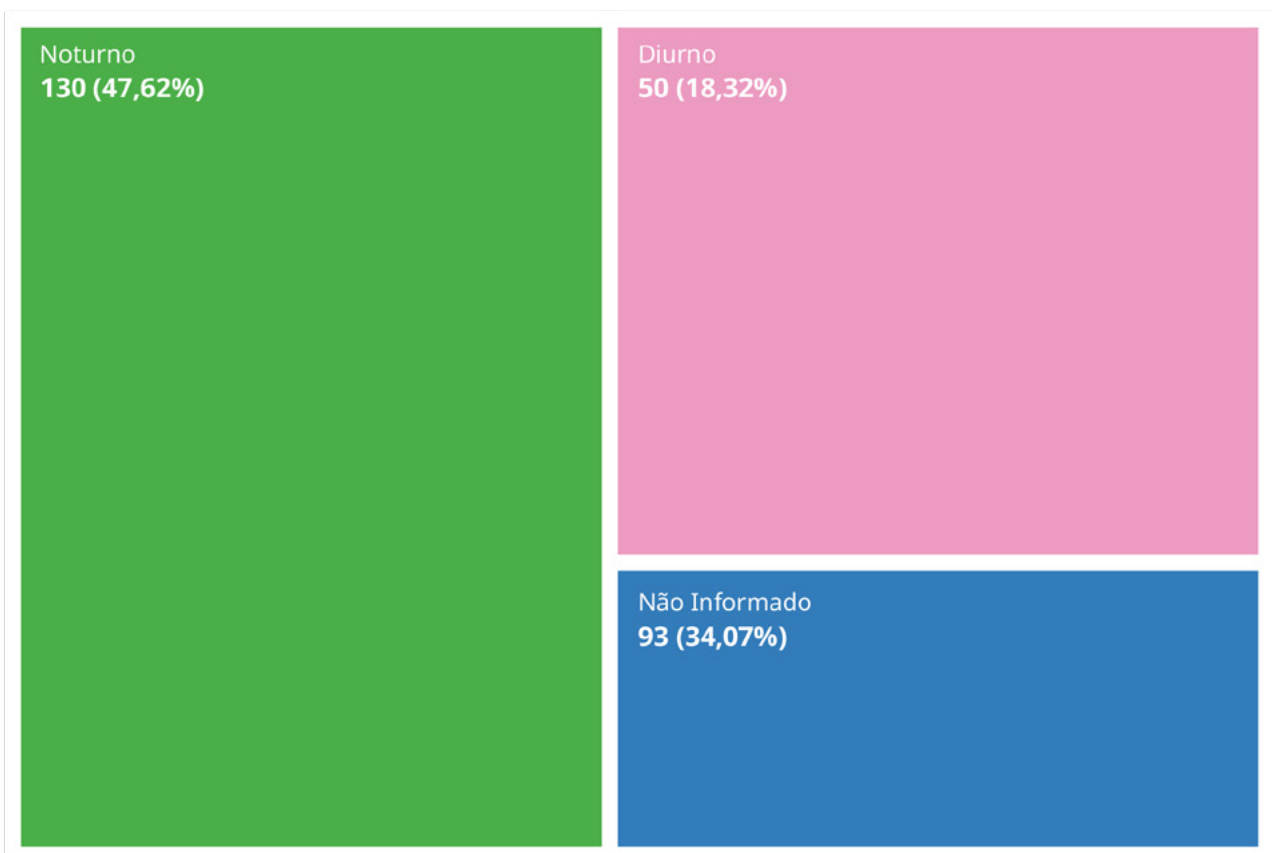


FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

3.8 Período da Morte

O período do dia de ocorrência das mortes indica elementos sobre as dinâmicas em torno da morte de pessoas LGBTI+ no Brasil, ao mesmo tempo que evidencia um padrão na prática de crimes contra esses grupos. Em 2022, a maior parte das mortes ocorreu no período noturno: foram 130 casos, correspondentes a quase metade do total (47,62%). Esse dado indica a relevância das práticas profissionais – como a prostituição –, culturais e de lazer da população LGBTI+ realizadas no período da noite, o que demanda maior atenção do poder público na garantia da segurança desse grupo em situação de vulnerabilidade. Não identificamos o período de ocorrência de 93 casos (34,07% do total), dado relevante que demonstra a necessidade de acesso a outras fontes de pesquisa, sobretudo governamentais, visto que a imprecisão das informações contidas em jornais, redes sociais e afins dificulta uma análise mais apurada desses casos (Figura 16).

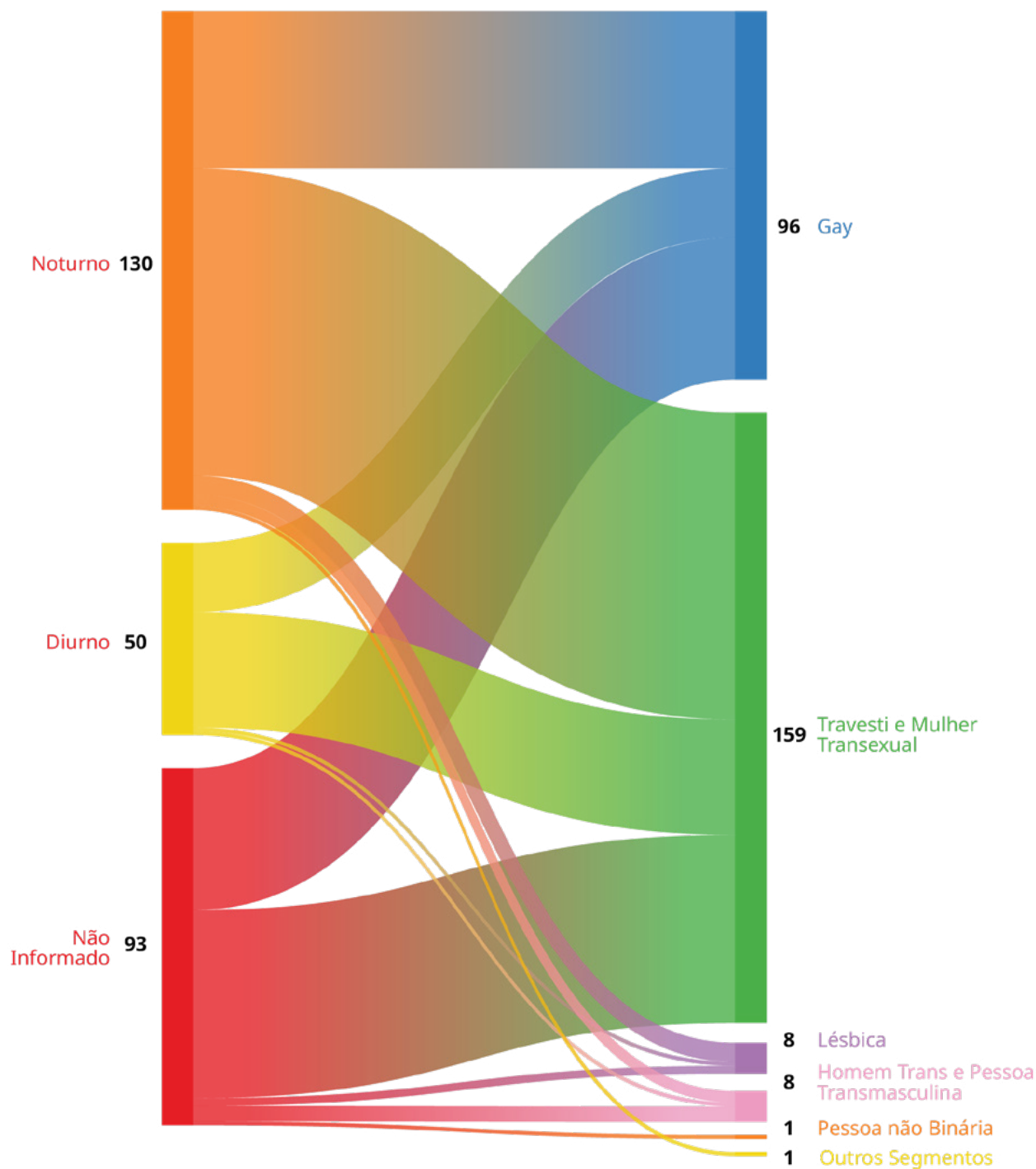
FIGURA 16: PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Analisando o período das mortes por segmento LGBTI+, apesar da ausência de informação de muitos casos, percebemos que houve uma predominância de mortes tanto de travestis e mulheres transexuais (80), homens gays (41) quanto de lésbicas (5) durante a noite (Figura 17).

FIGURA 17: PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022



3.9 Vítimas de Suicídio

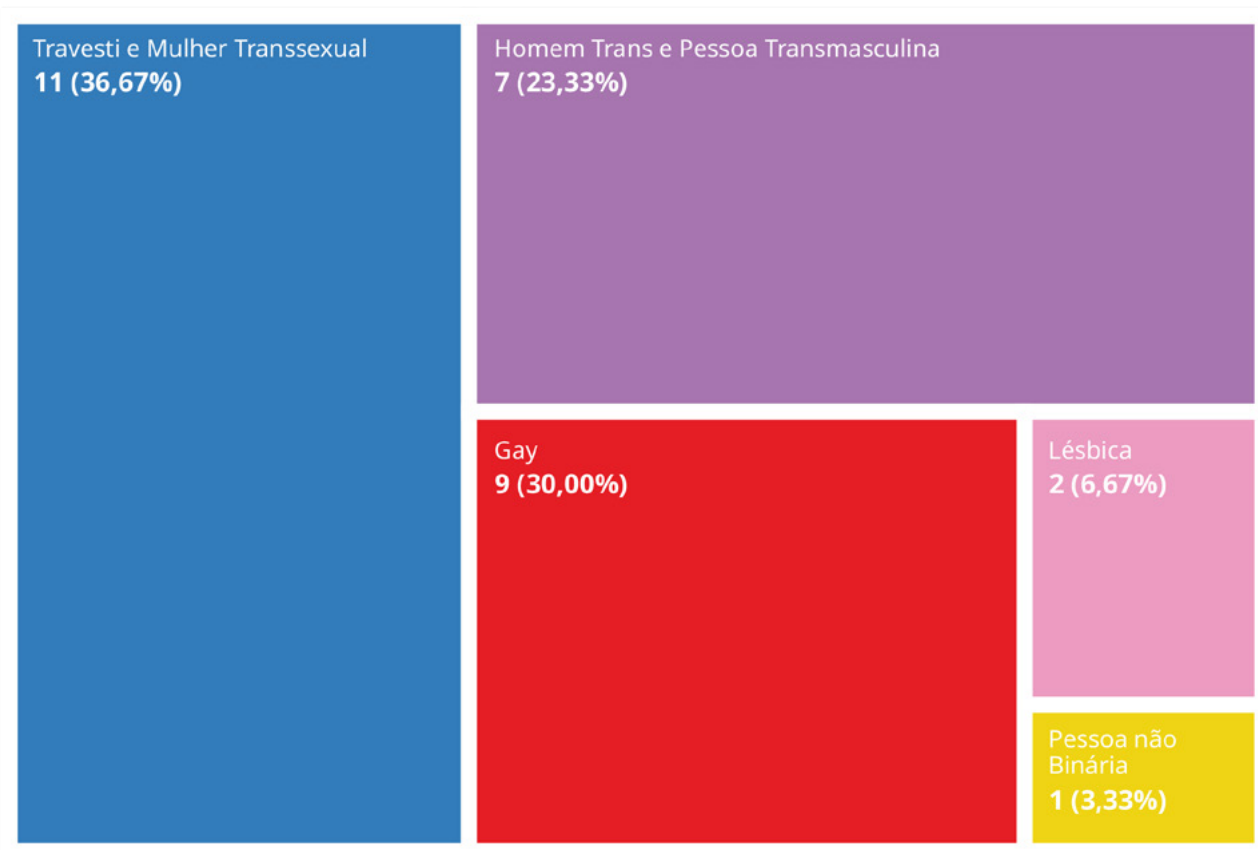
Os dados sobre suicídios de LGBTI+ revelaram uma lacuna a respeito do tema nos noticiários jornalísticos, uma vez que não foram noticiados. De todo modo, conseguimos identificar alguns casos através de informações veiculadas nas redes sociais de pessoas amigas das vítimas ou de parentes próximos que, com raras exceções, revelaram a orientação sexual e a identidade de gênero das pessoas LGBTI+ que cometeram suicídio. As informações aqui apresentadas servem como um alerta para demonstrar a existência desse problema de saúde pública, ao mesmo tempo que visam à ampliação do debate sobre as vulnerabilidades das pessoas desse segmento no que diz respeito aos seus sofrimentos e à saúde mental.

Neste Dossiê, as 30 mortes por suicídio foram consideradas dentre as 273 vítimas fatais da LGBTIfobia. Essa escolha foi embasada em dados apresentados pelo Conselho de Psicologia de Alagoas²⁷, segundo os quais a população LGBTI+ apresenta maiores índices de ideação suicida e de suicídios do que pessoas cisgêneras heterossexuais. É fundamental destacar que a maior incidência de suicídio na população LGBTI+ não se dá em função de problemas individuais de saúde mental, mas decorre do sofrimento resultante da LGBTIfobia estrutural. Segundo *The Trevor Project*²⁸, maior organização mundial de prevenção ao suicídio entre LGBTI+, a existência de um adulto próximo que aceite e acolha a pessoa com sexualidade e/ou identidade de gênero dissidente do padrão heterocisnormativo reduz em 40% a chance de tentativa de suicídio. É por meio desse viés que entendemos como os discursos de ódio também matam pessoas LGBTI+.

Quanto aos dados coletados, o maior número de casos ocorreu entre travestis e mulheres trans, com 36,67% dos casos, e homens gays, responsáveis por 30% do total. Em seguida estavam os homens trans e pessoas transmasculinas, com 23,33%; lésbicas, com 6,67%; e pessoas não binárias, com um registro. Chama a atenção a ocorrência de suicídios de pessoas identificadas como heterossexuais cisgêneras, as quais tiraram suas próprias vidas em função do preconceito e da violência sofridos por terem sido comparados e/ou identificados como gays, mesmo não se identificando como LGBTI+ (Figura 18).

27 Disponível em: <https://www.crp15.org.br/artigos/pesquisa-revela-o-risco-de-suicidio-na-comunidade-lgbt/>

28 Disponível em: <https://www.thetrevorproject.org/>

FIGURA 18: NÚMERO DE SUICÍDIOS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022

FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Ao mesmo tempo, é importante observar o que significa o número de casos de suicídio por segmento em relação ao número total de mortes violentas de cada segmento, observar o número relativo de casos de suicídio intrasegmentos. Ainda que casos de suicídio entre travestis e mulheres trans constitua 36,67% dos casos no quadro geral, os 11 casos de suicídio que identificamos nesse segmento são aproximadamente 6,91% do total de casos de mortes violentas de travestis e mulheres trans no Brasil em 2022. Da mesma forma, mesmo os casos de suicídio entre homens gays corresponder a 30% do total de casos de suicídio identificados, os 9 casos de suicídio equivalem a mais ou menos 9,37% dos casos de mortes violentas que vitimaram pessoas desse segmento.

Por outro lado, os 7 casos de suicídio de homens trans e pessoas transmasculinas, que compreendem 23,33% do total de casos de suicídio entre pessoas LGBTI+ no Brasil em 2022, significam 87,50% dos casos de mortes violentas do segmento. Do mesmo modo, os 2 casos de suicídio entre lésbicas, que consistem em 6,67% dos casos no quadro geral, configuram 25% dos casos de mortes violentas que vitimaram pessoas desse segmento.

Portanto, ainda que o maior número de casos de suicídios tenha ocorrido entre os segmentos: travestis e mulheres trans e homens gays, o seguimento que mais morreu por suicídio no ano de 2022 foram os homens trans e pessoas trans-masculinas, seguido das lésbicas com um número relativo de suicídios intraseg-mento também expressivo.

Pensamentos e sentimentos de querer tirar a própria vida podem ser insuportáveis e pode ser muito difícil saber o que fazer, mas existe ajuda disponível. Não hesite em pedir ajuda, você pode precisar de alguém que te acompanhe e te auxilie a entrar em contato com os serviços de suporte.

Se você está em sofrimento, tendo ideações suicidas e necessita de apoio, procure ajuda em:

Emergência - 24h

Centro de Valorização de Vida - 188 (Ligação gratuita para todo o Brasil)
SAMU - 192

Serviços de Saúde

Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)
Unidades Básicas de Saúde (UBS) e
Unidades de Pronto Atendimento (UPAs)

Habilidades de enfrentamento, apoio e tratamento funciona para a maioria das pessoas que tem pensamentos sobre suicídio.

3.10 Assassinatos de Defensores/as de Direitos Humanos

O ano de 2022 registrou um aumento de 155% nos casos de assassinatos de defensores de Direitos Humanos de LGBTI+ no Brasil. Vinte e três assassinatos foram registrados, quatorze a mais que em 2021 que teve nove registros no total.

Desse grupo, quanto à raça e etnia, seis eram pessoas negras, seis brancas, cinco pessoas pardas, dois indígenas e quatro não informados.

Referente à sexualidade, quatorze eram gays, uma era lésbica e oito não tiveram sua orientação sexual identificada. Em termos de identidade de gênero, a população mais assassinada foi de homem cis, com treze assassinatos, seguido por três homens trans, três mulheres trans, duas travestis, 1 pessoa não binária e uma mulher cis. Quanto ao local das mortes, seis pessoas foram assassinadas dentro de sua própria residência.

Oito ativistas atuavam em capitais, enquanto quinze trabalhavam no interior de seus estados. Duas pessoas militavam na luta pela terra, o que chama a atenção devido à crescente atuação de pessoas LGBTI+ em defesa da reforma agrária e que têm se organizado politicamente no último período, sobretudo a partir de 2015.

Os assassinatos no campo têm sido registrados por organizações como o Coletivo LGBT Sem Terra, segundo o qual, entre 2019 e o início de 2022, cinco militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) assumidamente LGBTI+ morreram vítimas da LGBTIfobia. A primeira foi a militante transexual Aline da Silva, assassinada brutalmente no dia 19 de agosto de 2019, no município de Arcoverde, Pernambuco, que teve seu pescoço degolado num ponto de ônibus. Em 2022, ocorreram outras três mortes: de Fernando dos Santos Araújo, gay sem-terra que foi executado a tiros em 26 de janeiro de 2022, no município de Pau D'Arco, no Pará; de Lindolfo Kosmaski, que teve seu corpo carbonizado no dia primeiro de maio de 2022, no município de São João do Triunfo, no Paraná; e de Pedro Felipe de Oliveira, do Acampamento Marielle Vive, município de Valinhos, São Paulo, que cometeu suicídio. O quinto assassinato, de Nanny Araújo dos Santos, que estava em processo de afirmação de sua identidade trans e vivia no acampamento Ondina Dias em Nova Venécia, Espírito Santo, foi registrado em janeiro de 2022. Ela teve seu corpo encontrado boiando no Rio Cricaré com sinais de violência.

Nesse sentido, precisamos chamar a atenção do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas (PPD-DH), a fim de fortalecer a compreensão de que os ataques e ameaças a pessoas LGBTI+ requerem especial atenção do Estado.

4 Distribuição Espacial das Mortes

As mortes violentas de pessoas LGBTI+ ocorreram dispersas por todo o território brasileiro em 2022. Foram registrados óbitos nas cinco macrorregiões do país, em 25 das 27 unidades da federação e em 153 dos 5.570 municípios existentes no Brasil. Nossa preocupação com a representação cartográfica da distribuição espacial das mortes de LGBTI+ se origina da necessidade de reconhecimento das porções do território brasileiro mais hostis à essa população e que, conseqüentemente, demandam maior atenção por parte do Estado na direção de superar esse contexto marcado pela violência.

Entendemos os mapas como um importante instrumento de compreensão da realidade, capaz de subsidiar a ação das instâncias competentes na luta contra a LGBTIfobia estrutural. Eles foram elaborados em três escalas de análise: municipal, estadual/distrital e macrorregional. A adoção de três escalas contribuiu para a interpretação do fenômeno das mortes de LGBTI+ na dimensão local, como nos municípios, cidades e regiões metropolitanas, e na dimensão extra-local, que envolve a escala das unidades da federação (estados e Distrito Federal) e das cinco macrorregiões brasileiras estabelecidas pelo IBGE.

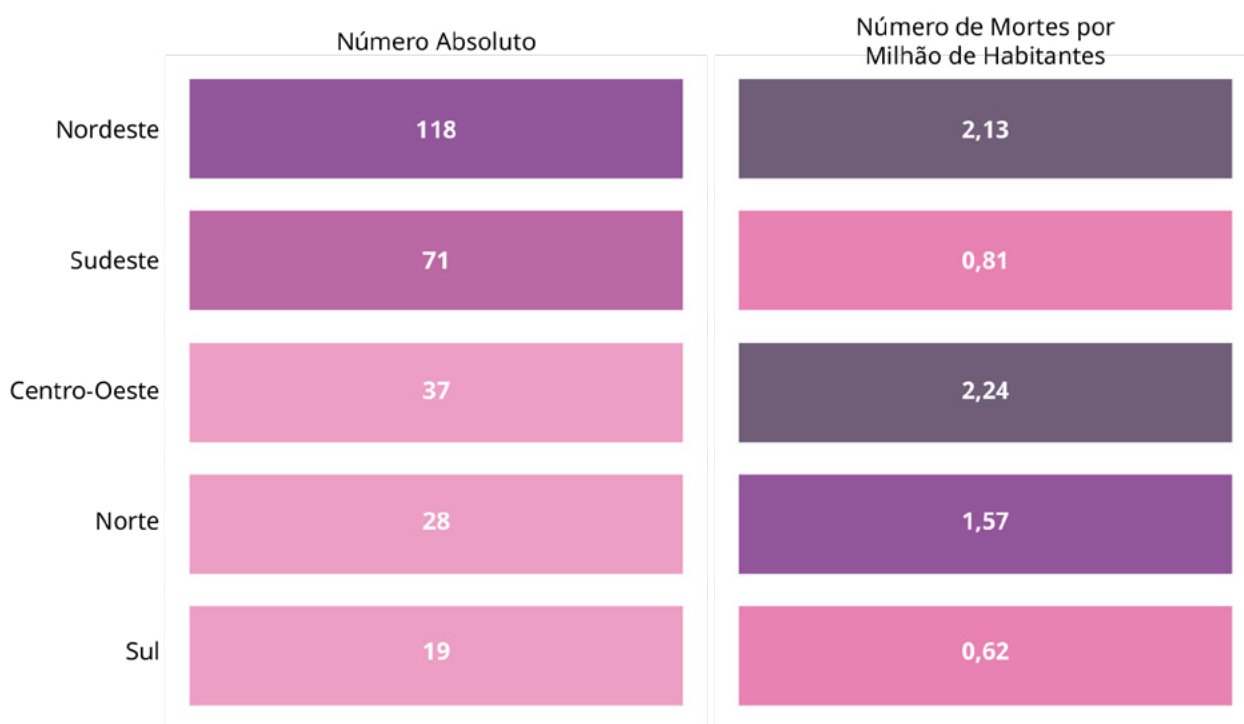
Conforme já apontamos na metodologia deste Dossiê, os dados representados nos mapas foram trabalhados de duas formas. Os dados absolutos foram expressos por círculos que indicam a quantidade de mortes ocorrida em cada unidade espacial: município, unidade da federação ou macrorregião. E os dados relativos foram retratados por diferentes colorações que evidenciam a quantidade de mortes a cada milhão de habitantes, a fim de estabelecer uma relação de proporcionalidade entre o número de mortes violentas e a população de cada unidade espacial: unidade da federação ou macrorregião.

Em 2022, 273 pessoas LGBTI+ morreram de forma violenta no Brasil. Como o país contava com uma população de 207.750.290 habitantes, segundo a prévia

do Censo Demográfico 2022 do IBGE, a média nacional foi de **1,31 mortes** a cada milhão de pessoas.

Partindo-se para uma análise na escala macrorregional, observamos variações entre as cinco regiões brasileiras. A região Nordeste apresentou mais de 100 mortes violentas, com 118 casos; a região Sudeste registrou 71 mortes; a Centro-Oeste 37; a Norte 28; e a Sul 19 (Figura 19).

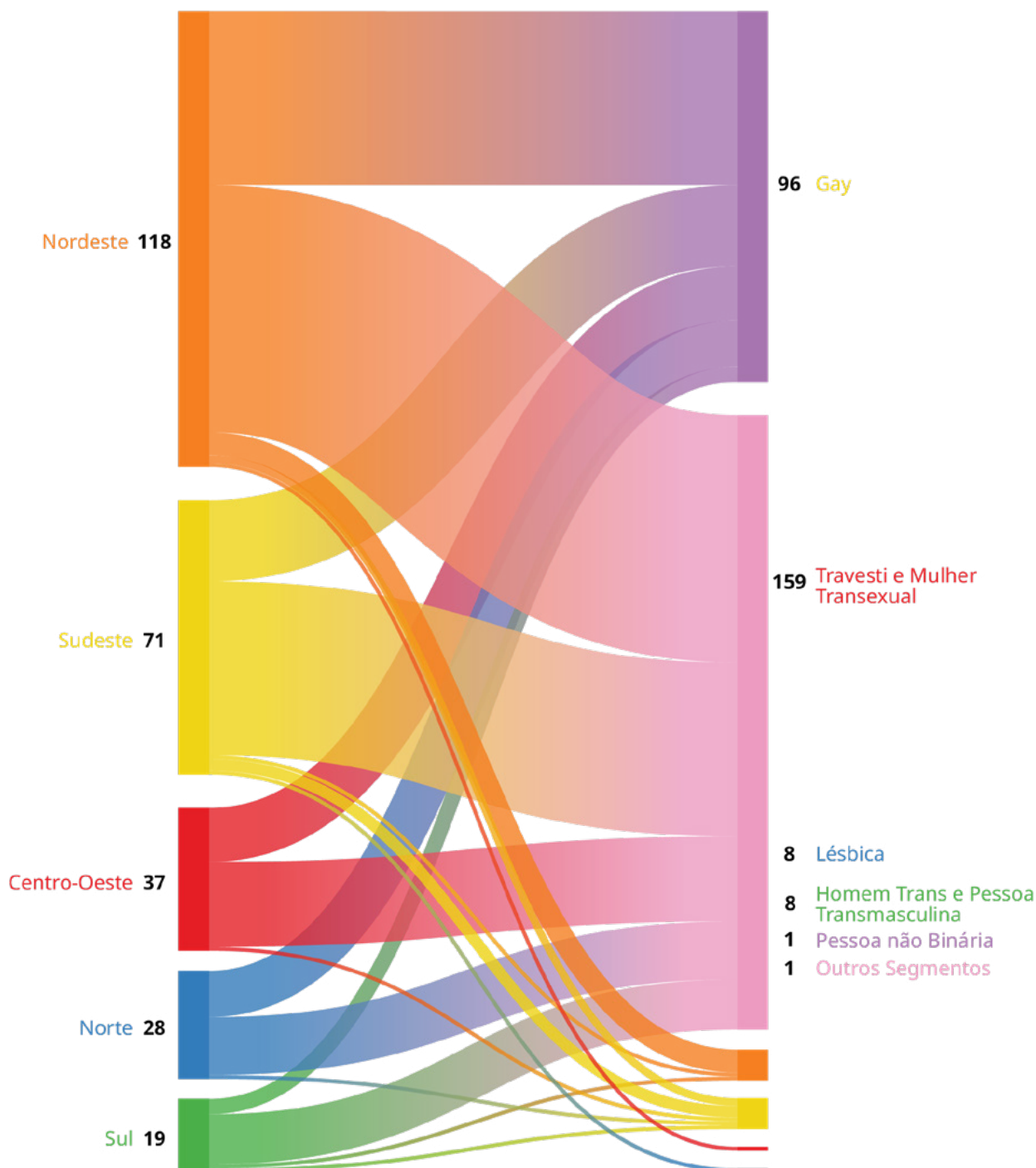
FIGURA 19: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO, EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Quando observamos a distribuição regional das mortes por segmento LGBTI+, registramos a ocorrência de óbitos de gays, travestis e mulheres trans e homens trans e pessoas transmasculinas em todas as regiões do país (Figura 20). Acompanhando a tendência nacional de mortes por segmento, morreram mais travestis e mulheres transexuais em todas as regiões do país.

FIGURA 20: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO E SEGMENTO, EM 2022

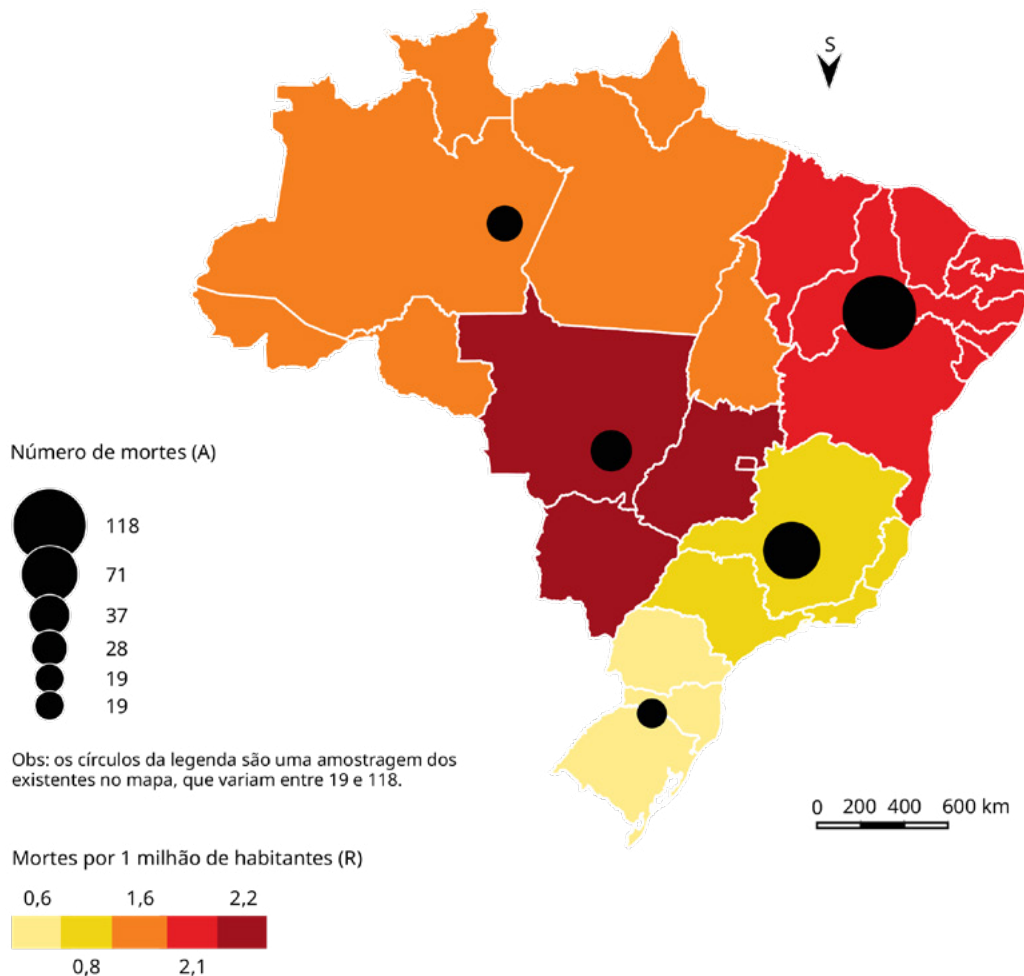


FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

O Centro-Oeste do país, apesar do número relativamente pequeno de mortes (37), foi a macrorregião mais violenta comparativamente à sua população: 2,24 mortes a cada milhão de habitantes. Também acima da média nacional estavam as macrorregiões Nordeste, com 2,13 óbitos a cada milhão de habitan-

tes, e Norte, com 1,57 falecimento por milhão de habitantes. As macrorregiões Sudeste e Sul foram as menos violentas em termos proporcionais, apesar do número elevado de mortes na primeira: 0,81 morte a cada milhão de habitantes no Sudeste e 0,62 morte por milhão de habitantes na região Sul (Figura 21).

FIGURA 21: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO, EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

Podemos fazer algumas relações entre a quantidade de mortes de LGBTI+ em cada macrorregião brasileira e as condições sociais, econômicas e culturais dessas unidades espaciais. As regiões Sudeste e Sul, consideradas menos violentas em 2022, foram historicamente privilegiadas em termos de acumulação de capital e de

investimentos produtivos, o que as caracterizam como espaços de elevada concentração industrial, maior desenvolvimento tecnológico e significativo grau de escolarização e de acesso à informação de sua população, fatores que podem contribuir para realidades menos preconceituosas, violentas e hostis à população LGBTI+.

Já as demais macrorregiões apresentam características diversas. A Nordeste e a Norte, por exemplo, são historicamente marcadas por indicadores socioeconômicos, como renda, escolaridade, acesso a serviços públicos e expectativa de vida, inferiores ao restante do país, abrangendo uma população significativa em situação de vulnerabilidade. A região Centro-Oeste, por sua vez, consiste na principal fronteira agrícola do país, a qual vem avançando em direção à Amazônia, sobretudo para a produção de soja e de carne bovina. Áreas ligadas ao agro-negócio são frequentemente identificadas como locais violentos, especialmente em função dos conflitos pela terra estabelecidos entre os exploradores e as populações tradicionalmente ocupantes desses locais. Chamamos a atenção para o fato de a região Centro-Oeste ter sido, justamente, a mais violenta em termos comparativos à sua população em 2022.

Dentre as Unidades da Federação, as que apresentaram maior número de mortes foram Ceará (34), São Paulo (28), Pernambuco (19), Minas Gerais (18) e Rio de Janeiro (16), o que inclui os três estados mais populosos do Brasil. Na outra ponta, com menor quantidade de mortes, estavam Rondônia, com duas mortes, e Amapá e Roraima, com um óbito cada. Acre e Tocantins foram as únicas unidades da federação que não apresentaram registro de mortes violentas de LGBTI+ em 2022 (Figura 22).

FIGURA 22: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ E IDH NO BRASIL, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO, EM 2022

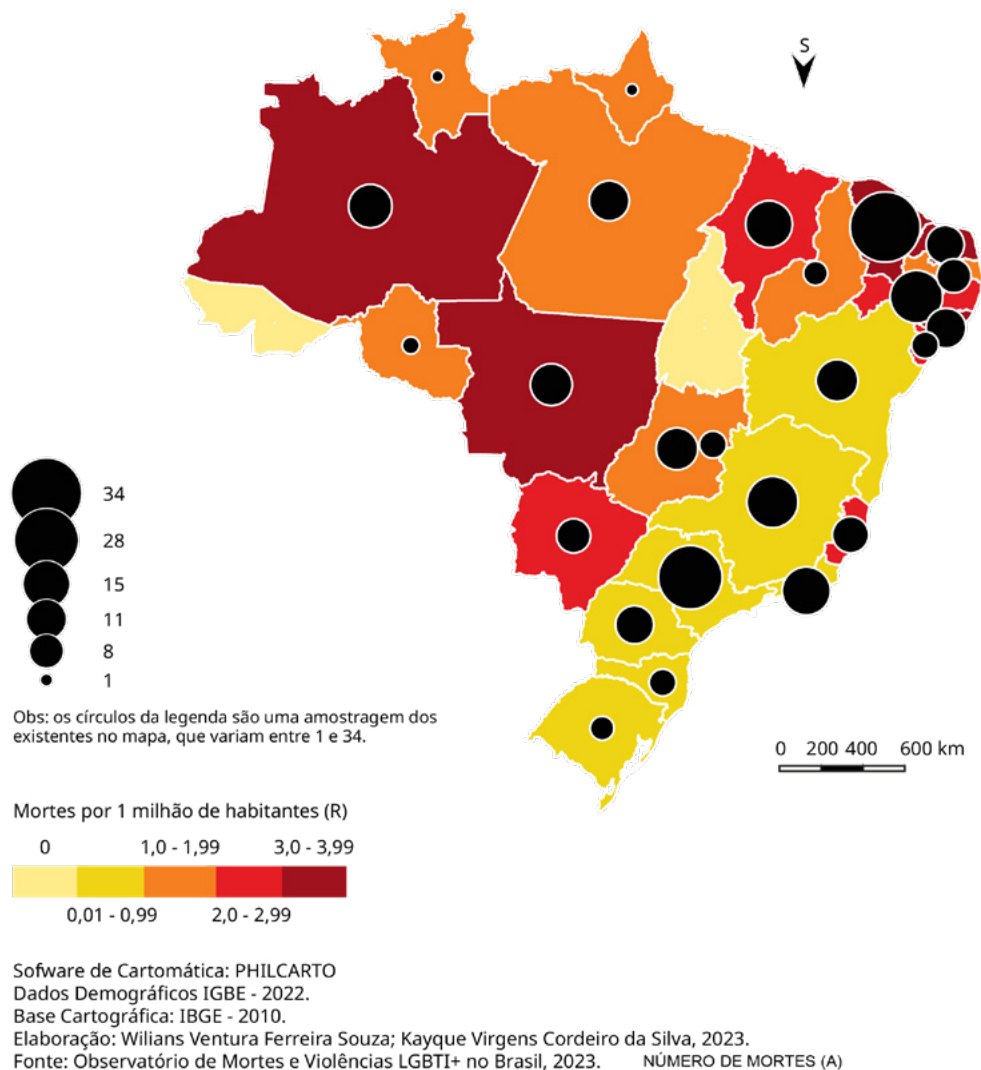
Estado	Região	Número Absoluto	Número Milhões Habitantes	IDH
Ceará	Nordeste	34	3,80	0,734
São Paulo	Sudeste	28	0,61	0,806
Pernambuco	Nordeste	19	2,10	0,719
Minas Gerais	Sudeste	18	0,87	0,774
Rio de Janeiro	Sudeste	16	0,96	0,762
Maranhão	Nordeste	15	2,21	0,676
Amazonas	Norte	13	3,29	0,700

Bahia	Nordeste	12	0,82	0,691
Goiás	Centro-Oeste	12	1,73	0,737
Mato Grosso	Centro-Oeste	12	3,17	0,736
Alagoas	Nordeste	11	3,52	0,684
Pará	Norte	11	1,30	0,690
Paraná	Sul	10	0,84	0,769
Rio Grande do Norte	Nordeste	10	3,03	0,728
Espírito Santo	Sudeste	9	2,26	0,771
Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	8	2,82	0,742
Paraíba	Nordeste	8	1,98	0,698
Distrito Federal	Centro-Oeste	5	1,71	0,814
Santa Catarina	Sul	5	0,64	0,792
Sergipe	Nordeste	5	2,26	0,702
Piauí	Nordeste	4	1,22	0,690
Rio Grande do Sul	Sul	4	0,36	0,771
Rondônia	Norte	2	1,24	0,700
Amapá	Norte	1	1,29	0,688
Roraima	Norte	1	1,58	0,699
Acre	Norte	0	0,00	0,710
Tocantins	Norte	0	0,00	0,731
Total		273	1,31	Brasil - 0,754

FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2021;
ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. PNUD BRASIL, IPEA E FJP, 2020.

Relacionando-se os casos de mortes às populações de cada unidade da federação, os locais mais violentos, ou seja, com os índices mais elevados de mortes a cada milhão de habitantes, foram Ceará (3,80 mortes por milhão), Alagoas (3,52 morte por milhão), Amazonas (3,29 morte por milhão), Mato Grosso (3,17 mortes por milhão) e Rio Grande do Norte (3,03 mortes por milhão). Além desses cinco estados, outras nove unidades da federação apresentaram número de mortes por milhão de habitantes acima da média nacional, que foi de 1,31 em 2022. Como estados menos violentos em termos relativos, além de Acre e Tocantins, que não registraram mortes no período, estavam o Rio Grande do Sul (0,36 morte por milhão), São Paulo (0,61 morte por milhão) e Santa Catarina (0,64 morte por milhão) (Figura 23).

FIGURA 23: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO, EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

A figura 22 também apresenta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das unidades da federação brasileiras. O IDH é considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um indicador do grau de desenvolvimento humano de uma determinada unidade espacial, seja ela um país, um estado ou um município. O índice se baseia em três dimensões: renda, calculada pela renda média de cada habitante; educação, observada pelo tempo de escolaridade da população em idade escolar e pelo grau de alfabetização da sociedade; e saúde, compreendida pela expectativa de vida ao nascer da população. A disponibilização desses dados permite estabelecer relações entre o grau de violência de um estado e seu respectivo IDH.

No que diz respeito aos municípios brasileiros com mais mortes violentas contra LGBTI+ registradas em 2022, os índices mais altos foram observados em algu-

mas das maiores cidades do país: Manaus (12); São Paulo (11); Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Juazeiro do Norte (com 7 casos cada). Dos dez municípios mais violentos, apenas dois não são capitais estaduais, as quais apresentam índices de violência bastante elevados: Juazeiro do Norte (7), cidade cearense de porte médio que, em 2021, foi considerada a oitava mais violenta do país²⁹; e Aparecida de Goiânia (6), cidade goiana com cerca de 600 mil habitantes situada na Região Metropolitana de Goiânia e foi considerada a mais violenta do estado em 2021. A tabela completa com todas as mortes registradas por município em 2022 encontra-se no Apêndice.

FIGURA 24: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR MUNICÍPIO, EM 2022

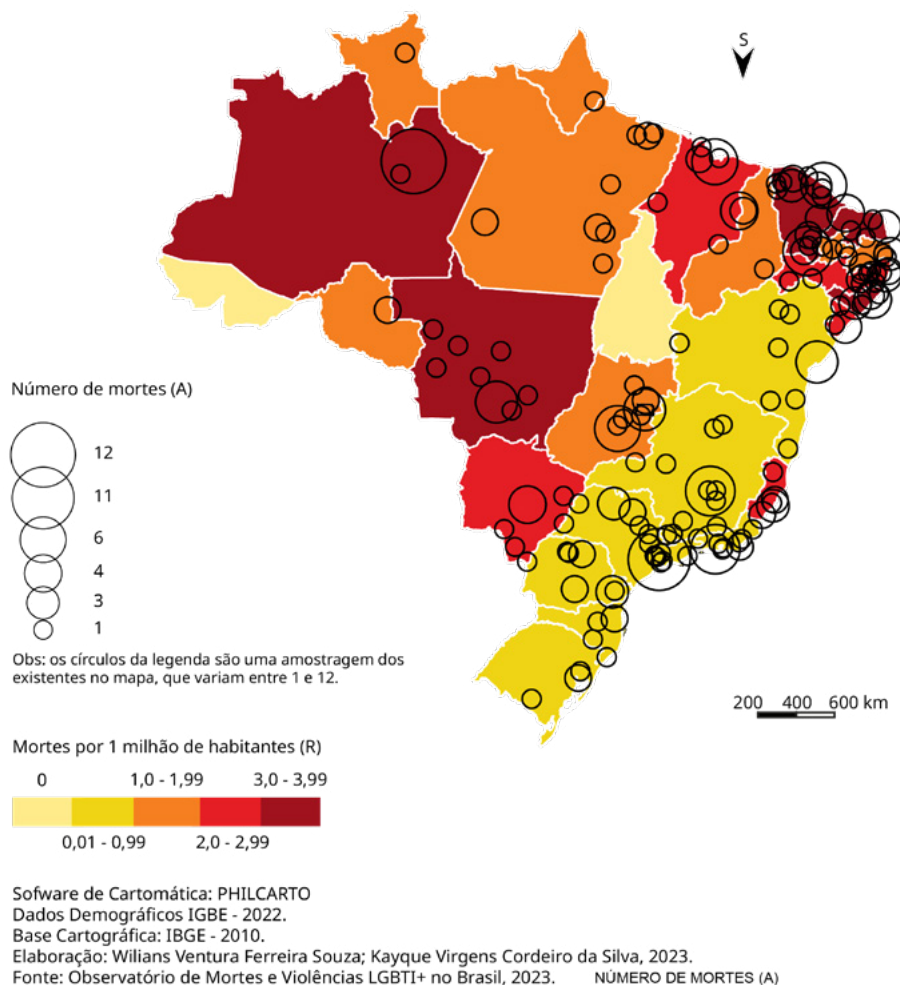
Nº	Município	Estado	Região	Mortes
1º	Manaus	Amazonas	Norte	12
2º	São Paulo	São Paulo	Sudeste	11
3º	Belo Horizonte	Minas Gerais	Sudeste	7
	Juazeiro do Norte	Ceará	Nordeste	7
	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sudeste	7
6º	Aparecida de Goiânia	Goiás	Centro-Oeste	6
	Fortaleza	Ceará	Nordeste	6
	São Luís	Maranhão	Nordeste	6
9º	Brasília	Distrito Federal	Centro-Oeste	5
	Cuiabá	Mato Grosso	Centro-Oeste	5
	Salvador	Bahia	Nordeste	5
12º	Campo Grande	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	4
	Maceió	Alagoas	Nordeste	4
	Mossoró	Rio Grande do Norte	Nordeste	4
	Timon	Maranhão	Nordeste	4
	Aracaju	Sergipe	Nordeste	3
16º	Arapiraca	Alagoas	Nordeste	3
	Cabo de Santo Agostinho	Pernambuco	Nordeste	3
	Curitiba	Paraná	Sul	3
	Forquilha	Ceará	Nordeste	3
	João Pessoa	Paraíba	Nordeste	3
	Natal	Rio Grande do Norte	Nordeste	3
	São José do Rio Preto	São Paulo	Sudeste	3
	Vila Velha	Espírito Santo	Sudeste	3

FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

29 Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=38194&Itemid=1. Acesso em 01 abril 2023.

A Figura 25 representa o número de mortes violentas ocorridas em cada município. É possível perceber que alguns municípios concentraram todas as mortes registradas nos seus respectivos estados, como Boa Vista (RR), Macapá (AP) e Ji-Paraná (RO). Já em outras unidades da federação identificamos uma dispersão das mortes por um número maior de municípios, com destaque para os estados de Ceará (16 municípios), São Paulo (15 municípios) e Pernambuco (14 municípios). Chamamos a atenção para a ocorrência de mortes concentradas em torno das grandes cidades brasileiras e suas regiões metropolitanas, como ocorreu em Fortaleza, Recife, Goiânia-Brasília, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Finalmente, o mapa evidencia uma maior presença de mortes nas porções do território brasileiro onde a ocupação populacional é mais adensada, ou seja, onde há um número maior de habitantes por quilômetros quadrados. Nessa direção, destacamos o litoral nordestino e a faixa litorânea da região Sudeste.

FIGURA 25: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR UF E MUNICÍPIO, EM 2022



FONTE: OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL, 2022.

5 Considerações Finais e Recomendações

Observando os dados sobre violência contra as pessoas LGBTI+ dos últimos anos, e apesar das oscilações das métricas numéricas, fica nítido que o cenário geral de violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres e homens trans, pessoas transmasculinas, não binárias e demais dissidências sexuais e de gênero pouco mudou em relação a medidas efetivas de enfrentamento da LGBTIfobia por parte do Estado. Mesmo em um cenário em que alcançamos conquistas consideráveis junto ao poder judiciário, percebemos a recorrente inércia do legislativo e do executivo ao se omitirem diante da LGBTIfobia que segue acumulando vítimas e permanece enraizada tanto no Estado quanto em toda a sociedade.

No último período de cinco anos, a violência LGBTIfóbica ganhou mais espaço na mídia, na medida em que voltamos a discutir a criminalização da LGBTIfobia e seus impactos. Instituições da sociedade civil têm se (re)organizado em torno de denúncias internacionais e tentativas de constrangimento do Estado frente à comunidade internacional, visto que o poder público segue uma cartilha explícita e assumidamente contra os direitos LGBTI+, incluindo ações via Advocacia Geral da União (AGU) para sustar os efeitos da criminalização. Essa ação foi julgada em 2019 e, desde então, continuamos pendentes de quaisquer ações contra o impacto da LGBTIfobia na vida cotidiana das pessoas LGBTI+.

Um dos objetivos desta pesquisa é denunciar a omissão do Estado em reconhecer a LGBTIfobia como qualificador e agravante nos casos de crimes de ódio contra a população LGBTI+, especialmente quando a orientação sexual e a identidade de gênero são fatores determinantes para a escolha das vítimas, assim como para a forma, intensidade e violência com que os casos vêm acontecendo. Desse modo, é importante utilizar as informações encontradas para qualificar e identificar as formas como as discriminações contra pessoas LGBTI+ se manifestam, incluindo elementos de ódio, crueldade e processos de humilhação devido à orientação sexual e/ou identidade e expressões de gênero não normativas.

Trazemos a seguir algumas recomendações de políticas que podem ser implementadas no combate a todas as formas de violência motivadas contra pessoas LGBTI+, mais especificamente diante do que os dados constantes nesta pesquisa revelam:

- Criar e implementar protocolos policiais unificados para enfrentamento da violência LGBTIfóbica no Brasil, considerando os limites de atuação dos municípios, estados e do governo federal, assim como a efetivação de políticas e ações para o correto atendimento e abordagem de pessoas LGBTI+ por agentes de segurança pública;
- Providenciar formação periódica e continuada para capacitação e educação de agentes públicos em todas as áreas, especialmente em órgãos de segurança pública, proteção a vítimas de violência, espaços destinados a mulheres vítimas de violência doméstica e em espaços estatais, a respeito da importância do acolhimento de mulheres lésbicas e das travestis e mulheres transexuais, respeitando suas especificidades e identidades de gênero autodeclaradas;
- Realizar campanhas públicas que incluam a diversidade LGBTI+, a fim de conscientizar sobre seus direitos, os impactos da LGBTIfobia e sobre os efeitos da criminalização da LGBTIfobia;
- Coletar e analisar dados sobre violências, tentativas de homicídio, assassinatos e violações de direitos humanos contra a população LGBTI+ por segmento;
- Combater a impunidade e a subnotificação de abuso e violência;
- Apoiar e incentivar o trabalho de monitoramento da violência com a celebração de parcerias com as instituições da sociedade civil que atuem na área;
- Garantir políticas específicas com atenção às necessidades das profissionais do sexo, moradores de favela e da periferia, pessoas em situação de rua, egressas do sistema prisional e aquelas privadas de liberdade e em sistemas socioeducativos;
- Implementar o Plano Nacional de Proteção às Defensoras e Defensores de Direitos Humanos, com a observância da realidade específica de pessoas defensoras LGBTI+;
- Garantir, no âmbito das políticas públicas, a compreensão de proteção de comunidades ameaçadas, e não apenas indivíduos defensores de direitos humanos;
- Ampliar a estrutura e o orçamento do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas;

- Garantir o atendimento de travestis e mulheres trans em todas as políticas voltadas para as mulheres, especialmente as relacionadas à violência de gênero, como: o acesso à Lei Maria da Penha; o reconhecimento do transfeminicídio como uma forma de feminicídio; o acolhimento dessa população nas Casas das Mulheres; e o atendimento nas DEAMs e no disque 180;
- Criar, no âmbito do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas, normativa acerca da garantia e promoção da proteção de Defensores de Direitos Humanos LGBTI+;
- Criar e implementar medidas legais e políticas antidiscriminação, além de ações afirmativas/medidas positivas no campo da educação e do emprego, a fim de evitar que qualquer pessoa tenha que depender da venda de sexo como meio de sobrevivência devido à pobreza ou discriminação;
- Implementar locais de abrigo para as pessoas LGBTI+ expulsas de casa e/ou em situação de rua;
- Garantir, político-administrativamente, que os programas sociais, projetos, serviços e benefícios de atenção sejam acessíveis às travestis e demais pessoas trans;
- Incluir, no currículo escolar, temas ligados à educação sexual inclusiva e à tolerância à diversidade.
- Acatar, em todos os estados, os pactos federativos firmados de combate a violências LGBTI+;
- Efetuar os tratos internacionais e recomendações que versam sobre as violações contra a população LGBTI+;
- Criar e implementar uma política de redução de danos e práticas seguras para o exercício sexual pleno e seguro;
- Cumprir as metas e propostas estabelecidas no plano nacional LGBTI+ e no Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH).

Contatos das instituições:

ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+
ObservatorioMortes@AconteceLGBTI.org

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS (ANTRA)**
presidencia.antra@gmail.com

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS,
BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E
INTERSEXOS (ABGLT)**

abglt@abglt.org

6 Apêndices

TABELA 1: NÚMERO DE CASOS DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL ENTRE 2000 A 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 2.

Ano	Número de vítimas
2000	130
2001	132
2002	126
2003	125
2004	158
2005	135
2006	112
2007	142
2008	187
2009	199
2010	260
2011	266
2012	338
2013	314
2014	329
2015	319
2016	343
2017	445
2018	420
2019	329
2020	237
2021	316
2022	273
Total	5.635

TABELA 2: NÚMERO DE MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 3.

Segmento	Número Absoluto	Número Relativo %
Travesti e Mulher Transsexual	159	58,24%
Gay	96	35,16%
Homem Trans e Pessoa Transmasculina	8	2,93%
Lésbica	8	2,93%
Pessoa não Binária	1	0,37%
Outros Segmentos	1	0,37%
Bissexual	0	0,00%
Total	273	100%

TABELA 3: TIPIFICAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 4.

Tipificação	Número Absoluto	Número Relativo %
Assassinatos	228	83,52%
Suicídios	30	10,99%
Outras Mortes	15	5,49%
Total	273	100%

TABELA 4: TIPIFICAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ POR SEGMENTO EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 5.

Tipificação	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Pessoa não Binária	Outros Segmentos	Bissexual	Número Absoluto	Número Relativo %
Assassinato	86	134	6	1	-	1	-	228	83,52%
Suicídio	9	11	2	7	1	-	-	30	10,99%
Outras Mortes	1	14	-	-	-	-	-	15	5,49%
Total	96	159	8	8	1	1	0	273	100%

TABELA 5: FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 6.

Idade	Número Absoluto	Número Relativo %
10 a 19	22	8,06%
20 a 29	91	33,33%
30 a 39	52	19,05%
40 a 49	31	11,36%
50 a 59	13	4,76%
60 a 69	0	0,00%
70 a 79	1	0,37%
Não Informado	63	23,08%
Total	273	100%

TABELA 6: FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 7.

Idade	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Pessoa não Binária	Outros Segmentos	Bissexual	Número Absoluto	Número Relativo %
10 a 19	5	15	-	2	-	-	-	22	8,06%
20 a 29	29	52	4	4	1	1	-	91	33,33%
30 a 39	19	30	2	1	-	-	-	52	19,05%
40 a 49	21	10	-	-	-	-	-	31	11,36%
50 a 59	7	5	1	-	-	-	-	13	4,76%
60 a 69	-	-	-	-	-	-	-	0	0,00%
70 a 79	1	-	-	-	-	-	-	1	0,37%
Não Informado	14	47	1	1	-	-	-	63	23,08%
Total	96	159	8	8	1	1	0	273	100%

TABELA 7: RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 8.

Raça e Etnia	Número Absoluto	Número Relativo %
Pretas e Pardas	91	33,33%
Branças	94	34,43%
Indígenas	2	0,73%
Não Informado	86	31,50%
Total	273	100%

TABELA 8: RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 9.

Raça e Etnia	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Pessoa não Binária	Outros Segmentos	Não Informado	Bissexual	Número Absoluto	Número Relativo %
Pretas e Pardas	27	58	1	5	-	-	-	-	91	33,33%
Branças	42	46	3	2	1	-	-	-	94	34,43%
Indígenas	1	1	-	-	-	-	-	-	2	0,73%
Não Informado	26	54	4	1	-	1	-	-	86	31,50%
Total	96	159	8	8	1	1	0	0	273	100%

TABELA 9: PROFISSÃO E OCUPAÇÃO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 10.

Profissão / Ocupação	Número Absoluto	Número Relativo %
Profissional do Sexo	24	8,79%
Professor(a)(e)	14	5,13%
Estudante	11	4,03%
Cabeleireira(o)	8	2,93%
Artista	4	1,47%
Técnica(o) em Enfermagem	3	1,10%
Advogado	2	0,73%
DJ	2	0,73%
Fisioterapeuta	2	0,73%
Garçonete	2	0,73%
Humorista e Influencer Digital	2	0,73%
Advogado e Psicólogo	1	0,37%
Artista / Ativista	1	0,37%
Atendente em Farmácia	1	0,37%
Ativista	1	0,37%
Ativista / Trabalhador Rural	1	0,37%
Auxiliar de cozinha	1	0,37%
Caseiro	1	0,37%
Comerciante	1	0,37%
Confeiteira	1	0,37%
Contador	1	0,37%
Corretor de imóveis	1	0,37%
Dançarino e Influencer Digital	1	0,37%
Dentista	1	0,37%
Economista	1	0,37%
Empreendedora	1	0,37%
Fotógrafo	1	0,37%
Funcionário público e estudante	1	0,37%
funcionário público municipal	1	0,37%
Influencer Digital	1	0,37%
Jornalista	1	0,37%
Lava car	1	0,37%
Médico Veterinário	1	0,37%
Modelo	1	0,37%
Policial e Influencer Digital	1	0,37%
Proprietário de Bar	1	0,37%
Técnico em Agropecuária	1	0,37%
Trabalhador Sem Terra	1	0,37%
Visual Merchandiser	1	0,37%
Não Informado	171	62,64%
Total	273	100%

TABELA 10: ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 11.

Orientação Sexual	Número Absoluto	Número Relativo %
Gay	97	35,53%
Lésbica	8	2,93%
Heterossexual	2	0,73%
Bissexual	0	0,00%
Não Informado	166	60,81%
Total	273	100%

TABELA 11: IDENTIDADE DE GÊNERO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 12.

Identidade de Gênero	Número Absoluto	Número Relativo %
Travesti e Mulher Trans	159	58,24%
Homem Cis	93	34,07%
Mulher Cis	8	2,93%
Homem Trans	8	2,93%
Pessoa não Binária	1	0,37%
Não Informado	4	1,47%
Total	273	100%

TABELA 12: CAUSA MORTIS DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021
DADOS REFERENTES À FIGURA 13.

<i>Causa Mortis</i>	Número Absoluto	Número Relativo %
Arma de fogo	74	27,11%
Esfaqueamento	48	17,58%
Espancamento	15	5,49%
Apedrejamento	10	3,66%
Objeto Perfurocortante	9	3,30%
Estrangulamento	8	2,93%
Desaparecimento	7	2,56%
Pauladas	6	2,20%
Atropelamento	6	2,20%
Enforcamento	5	1,83%

Asfixia	5	1,83%
Afogamento	5	1,83%
Silicone Industrial	2	0,73%
Overdose	2	0,73%
Golpe na cabeça	2	0,73%
Faleceu, sem detalhes	2	0,73%
Esfaqueamento e espancamento	2	0,73%
Encontrada morta	2	0,73%
Decapitada	2	0,73%
Carbonizado	2	0,73%
Apedrejamento e esfaqueamento	2	0,73%
Traumatismo Craniano e asfixia	1	0,37%
Traumatismo Craniano	1	0,37%
Procedimento estético	1	0,37%
Negligência Médica, sem equipamento	1	0,37%
Negligência Médica, apendicite aguda	1	0,37%
Marteladas	1	0,37%
Mal súbito	1	0,37%
Esfaqueamento, estrangulamento e corpo carbonizado	1	0,37%
Esfaqueamento e estrangulamento	1	0,37%
Esfaqueamento e atropelamento	1	0,37%
Esfaqueamento e Arma de Fogo	1	0,37%
Esfaqueamento / Espancamento	1	0,37%
Enforcamento e Carbonizado	1	0,37%
Agressão	1	0,37%
N.I.	43	15,75%
Total	273	100%

TABELA 13: LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 14.

Espaço	Número Absoluto	Número Relativo %
Espaço Privado	102	37,36%
Espaço Público	136	49,82%
Não Informado	35	12,82%
Total	273	100%

TABELA 14: LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 15.

Espaço	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Pessoa não Binária	Outros Segmentos	Bissexual	Número Absoluto	Número Relativo %
Espaço Privado	52	45	1	3	-	1	-	102	37,36%
Espaço Público	36	94	5	1	-	-	-	136	49,82%
Não Informado	8	20	2	4	1	-	-	35	12,82%
Total	96	159	8	8	1	1	0	273	100%

TABELA 15: PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 16.

Período	Número Absoluto	Número Relativo %
Noturno	130	47,62%
Diurno	50	18,32%
Não Informado	93	34,07%
Total	273	100%

TABELA 16: PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 17.

Período	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Pessoa não Binária	Outros Segmentos	Bissexual	Número Absoluto	Número Relativo %
Noturno	41	80	5	3	-	1	-	130	47,62%
Diurno	18	30	1	1	-	-	-	50	18,32%
Não Informado	37	49	2	4	1	-	-	93	34,07%
Total	96	159	8	8	1	1	0	273	100%

TABELA 17: NÚMERO DE SUICÍDIOS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 18.

Suicídio por Segmento	Número Absoluto	Número Relativo %
Travesti e Mulher Trans	11	36,67%
Gay	9	30,00%
Homem Trans e Pessoa Transmasculina	7	23,33%
Lésbica	2	6,67%
Pessoa não Binária	1	3,33%
Bissexual	0	0,00%
Total	30	100%

TABELA 18: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 19.

Macrorregião	Número Absoluto	Número Milhões Habitantes
Nordeste	118	2,13
Sudeste	71	0,81
Centro-Oeste	37	2,24
Norte	28	1,57
Sul	19	0,62
Total	273	1,31

TABELA 19: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO E SEGMENTO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 20.

Macrorregião	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Pessoa não Binária	Outros Segmentos	Bissexual	Número Absoluto	Número de Mortes por Milhão de Habitantes
Nordeste	45	64	6	2	1	-	-	118	2,13
Sudeste	21	45	1	3	-	1	-	71	0,81
Centro-Oeste	14	22	-	1	-	-	-	37	2,24
Norte	12	15	-	1	-	-	-	28	1,57
Sul	4	13	1	1	-	-	-	19	0,62
Total	96	159	8	8	1	1	0	273	1,31

**TABELA 20: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ E IDH NO BRASIL,
POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 22.**

Estado	Região	Número Absoluto	Número Milhões Habitantes	IDH
Ceará	Nordeste	34	3,80	0,734
São Paulo	Sudeste	28	0,61	0,806
Pernambuco	Nordeste	19	2,10	0,719
Minas Gerais	Sudeste	18	0,87	0,774
Rio de Janeiro	Sudeste	16	0,96	0,762
Maranhão	Nordeste	15	2,21	0,676
Amazonas	Norte	13	3,29	0,700
Bahia	Nordeste	12	0,82	0,691
Goiás	Centro-Oeste	12	1,73	0,737
Mato Grosso	Centro-Oeste	12	3,17	0,736
Alagoas	Nordeste	11	3,52	0,684
Pará	Norte	11	1,30	0,690
Paraná	Sul	10	0,84	0,769
Rio Grande do Norte	Nordeste	10	3,03	0,728
Espírito Santo	Sudeste	9	2,26	0,771
Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	8	2,82	0,742
Paraíba	Nordeste	8	1,98	0,698
Distrito Federal	Centro-Oeste	5	1,71	0,814
Santa Catarina	Sul	5	0,64	0,792
Sergipe	Nordeste	5	2,26	0,702
Piauí	Nordeste	4	1,22	0,690
Rio Grande do Sul	Sul	4	0,36	0,771
Rondônia	Norte	2	1,24	0,700
Amapá	Norte	1	1,29	0,688
Roraima	Norte	1	1,58	0,699
Acre	Norte	0	0,00	0,710
Tocantins	Norte	0	0,00	0,731
Total		273	1,31	Brasil - 0,754

**TABELA 21: NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR MUNICÍPIO, EM 2022
DADOS REFERENTES À FIGURA 25.**

Município	Estado	Região	Mortes
Manaus	Amazonas	Norte	12
São Paulo	São Paulo	Sudeste	11
Belo Horizonte	Minas Gerais	Sudeste	7

Juazeiro do Norte	Ceará	Nordeste	7
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sudeste	7
Aparecida de Goiânia	Goiás	Centro-Oeste	6
Fortaleza	Ceará	Nordeste	6
São Luís	Maranhão	Nordeste	6
Brasília	Distrito Federal	Centro-Oeste	5
Cuiabá	Mato Grosso	Centro-Oeste	5
Salvador	Bahia	Nordeste	5
Campo Grande	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	4
Maceió	Alagoas	Nordeste	4
Mossoró	Rio Grande do Norte	Nordeste	4
Timon	Maranhão	Nordeste	4
Aracaju	Sergipe	Nordeste	3
Arapiraca	Alagoas	Nordeste	3
Cabo de Santo Agostinho	Pernambuco	Nordeste	3
Curitiba	Paraná	Sul	3
Forquilha	Ceará	Nordeste	3
João Pessoa	Paraíba	Nordeste	3
Natal	Rio Grande do Norte	Nordeste	3
São José do Rio Preto	São Paulo	Sudeste	3
Vila Velha	Espírito Santo	Sudeste	3
Blumenau	Santa Catarina	Sul	2
Cabo Frio	Rio de Janeiro	Sudeste	2
Castanhal	Pará	Norte	2
Caucaia	Ceará	Nordeste	2
Crato	Ceará	Nordeste	2
Guarapuava	Paraná	Sul	2
Iguatu	Ceará	Nordeste	2
Itaituba	Pará	Norte	2
Itapemirim	Espírito Santo	Sudeste	2
Jaboticabal	São Paulo	Sudeste	2
Jaguaretama	Ceará	Nordeste	2
Ji-Paraná	Rondônia	Norte	2
Londrina	Paraná	Sul	2
Messias	Alagoas	Nordeste	2
Parauapebas	Pará	Norte	2
Pinheiro	Maranhão	Nordeste	2
Planaltina	Goiás	Centro-Oeste	2
Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Sul	2
Recife	Pernambuco	Nordeste	2
Santa Cruz do Capibaribe	Pernambuco	Nordeste	2
Santana do Acaraú	Ceará	Nordeste	2

São Bento do Una	Pernambuco	Nordeste	2
Serra	Espírito Santo	Sudeste	2
Teresina	Piauí	Nordeste	2
Açailândia	Maranhão	Nordeste	1
Amambaí	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	1
Anápolis	Goiás	Centro-Oeste	1
Andradina	São Paulo	Sudeste	1
Araguari	Minas Gerais	Sudeste	1
Araranguá	Santa Catarina	Sul	1
Araras	São Paulo	Sudeste	1
Bagé	Rio Grande do Sul	Sul	1
Barreira	Ceará	Nordeste	1
Barueri	São Paulo	Sudeste	1
Belém	Pará	Norte	1
Belém de São Francisco	Pernambuco	Nordeste	1
Belo Jardim	Pernambuco	Nordeste	1
Boa Vista	Roraima	Norte	1
Brasnorte	Mato Grosso	Centro-Oeste	1
Caeté	Minas Gerais	Sudeste	1
Cajazeiras	Paraíba	Nordeste	1
Campo Alegre	Alagoas	Nordeste	1
Campo Formoso	Bahia	Nordeste	1
Campos de Júlio	Mato Grosso	Centro-Oeste	1
Campos dos Goytacazes	Rio de Janeiro	Sudeste	1
Canaã dos Carajás	Pará	Norte	1
Cariacica	Espírito Santo	Sudeste	1
Caruaru	Pernambuco	Nordeste	1
Casimiro de Abreu	Rio de Janeiro	Sudeste	1
Cedro	Ceará	Nordeste	1
Contagem	Minas Gerais	Sudeste	1
Coreaú	Ceará	Nordeste	1
Coremas	Paraíba	Nordeste	1
Diamantino	Mato Grosso	Centro-Oeste	1
Duque de Caxias	Rio de Janeiro	Sudeste	1
Francisco Sá	Minas Gerais	Sudeste	1
Goiânia	Goiás	Centro-Oeste	1
Granjeiro	Ceará	Nordeste	1
Gravatá	Pernambuco	Nordeste	1
Ibicaraí	Bahia	Nordeste	1
Igarapé-Açu	Pará	Norte	1
Inconfidentes	Minas Gerais	Sudeste	1
Itapetim	Pernambuco	Nordeste	1

Jaçanã	Rio Grande do Norte	Nordeste	1
Jaciara	Mato Grosso	Centro-Oeste	1
João Câmara	Rio Grande do Norte	Nordeste	1
Jucurutu	Rio Grande do Norte	Nordeste	1
Juína	Mato Grosso	Centro-Oeste	1
Juiz de Fora	Minas Gerais	Sudeste	1
Jupi	Pernambuco	Nordeste	1
Lagarto	Sergipe	Nordeste	1
Lages	Santa Catarina	Sul	1
Lagoa Grande	Pernambuco	Nordeste	1
Luis Eduardo Magalhães	Bahia	Nordeste	1
Macaé	Rio de Janeiro	Sudeste	1
Macapá	Amapá	Norte	1
Mairiporã	São Paulo	Sudeste	1
Manacapuru	Amazonas	Norte	1
Maringá	Paraná	Sul	1
Montes Claros	Minas Gerais	Sudeste	1
Mundo Novo	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	1
Niquelândia	Goiás	Centro-Oeste	1
Niterói	Rio de Janeiro	Sudeste	1
Nova Venécia	Espírito Santo	Sudeste	1
Novo Hamburgo	Rio Grande do Sul	Sul	1
Osasco	São Paulo	Sudeste	1
Ouro Preto	Minas Gerais	Sudeste	1
Palmares	Pernambuco	Nordeste	1
Patos	Paraíba	Nordeste	1
Patos de Minas	Minas Gerais	Sudeste	1
Pacatuba	Ceará	Nordeste	1
Pedras de Fogo	Paraíba	Nordeste	1
Pinhais	Paraná	Sul	1
Ponta Porã	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	1
Porto Alegre do Piauí	Piauí	Nordeste	1
Porto da Folha	Sergipe	Nordeste	1
Pouso Alegre	Minas Gerais	Sudeste	1
Presidente Epitácio	São Paulo	Sudeste	1
Primavera do Leste	Mato Grosso	Centro-Oeste	1
Raposa	Maranhão	Nordeste	1
Redenção	Pará	Norte	1
Resende	Rio de Janeiro	Sudeste	1
Riacho das Almas	Pernambuco	Nordeste	1
Ruy Barbosa	Bahia	Nordeste	1

Santana de Parnaíba	São Paulo	Sudeste	1
Santo André	São Paulo	Sudeste	1
São Benedito	Ceará	Nordeste	1
São Bernardo do Campo	São Paulo	Sudeste	1
São Carlos	São Paulo	Sudeste	1
São Francisco de Assis	Piauí	Nordeste	1
São Gonçalo	Rio de Janeiro	Sudeste	1
São Miguel dos Milagres	Alagoas	Nordeste	1
Sarandi	Paraná	Sul	1
Senhor do Bonfim	Bahia	Nordeste	1
Serrano do Maranhão	Maranhão	Nordeste	1
Sobrado	Paraíba	Nordeste	1
Sorriso	Mato Grosso	Centro-Oeste	1
Sumaré	São Paulo	Sudeste	1
Taió	Santa Catarina	Sul	1
Teixeira de Freitas	Bahia	Nordeste	1
Tianguá	Ceará	Nordeste	1
Trairi	Ceará	Nordeste	1
Três Lagoas	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	1
Tucuruí	Pará	Norte	1
Ubatuba	São Paulo	Sudeste	1
Valparaíso de Goiás	Goiás	Centro-Oeste	1
Varginha	Minas Gerais	Sudeste	1
Vitória da Conquista	Bahia	Nordeste	1
Vitória de Santo Antão	Pernambuco	Nordeste	1
Total			273

REALIZAÇÃO



APOIO

